

Ministério da Educação

Técnicas e Dinâmicas de Trabalho em Grupo

Ângela Fernanda Santiago Pinheiro

Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde

INSTITUTO FEDERAL
NORTE DE MINAS GERAIS

ÂNGELA FERNANDA SANTIAGO PINHEIRO

TÉCNICAS E DINÂMICAS DE TRABALHO EM GRUPO

1ª edição

Montes Claros
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais
2014

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 1 02/06/2015 11:58:24

TÉCNICAS E DINÂMICAS DE TRABALHO EM GRUPO

Ângela Fernanda Santiago Pinheiro

Montes Claros-MG
2014

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 3 02/06/2015 11:58:39

Presidência da República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

Reitor
Prof. José Ricardo Martins da Silva

Pró-Reitora de Ensino
Ana Alves Neta

Pró-Reitor de Administração
Edmilson Tadeu Cassani

Pró-Reitor de Extensão
Paulo César Pinheiro de Azevedo

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Rogério Mendes Murta

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional
Alisson Magalhães Castro

Diretor de Educação a Distância
Antônio Carlos Soares Martins

Coordenadora de Ensino
Ramony Maria da Silva Reis Oliveira

Coordenador de Administração e Planejamento
Alessandro Fonseca Câmara

Revisão Editorial
Antônio Carlos Soares Martins
Ramony Maria Silva Reis Oliveira
Rogeane Patrícia Camelo Gonzaga
Amanda Seixas Murta
Alessandro Fonseca Câmara
Kátia Vanelli L. Guedes Oliveira
Maircon Rasley Gonçalves Araújo

Coordenação Pedagógica
Ramony Maria Silva Reis Oliveira

Coordenação Adjunta - Cursos SAT
Maircon Rasley Gonçalves Araújo

Coordenação de Curso
Maria Orminda Santos Oliveira

Coordenação de Tutoria do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde
Carlos Eduardo Oliveira

Revisão Linguística
Ana Márcia Aquino
Marli Silva Fróes

Equipe Técnica
Alexandre Henrique Alves Silva
Cássia Adriana Matos Santos
Dilson Mesquita Maia
Eduardo Alves Araújo
Silma da Conceição Neves
Solange Martins Brito
Sônia Maria Gonçalves

Coordenação de Produção de Material
Karina Carvalho de Almeida

Coordenação Gráfica e Visual
Leonardo Paiva de Almeida Pacheco

Projeto Gráfico, Capa e Iconografia
Leonardo Paiva de Almeida Pacheco

Editoração Eletrônica
Karina Carvalho de Almeida
Tatiane Fernandes Pinheiro

ÍCONES INTERATIVOS



Utilizado para sugerir leituras, bibliografias, *sites* e textos para aprofundar os temas discutidos; explicar conceitos e informações.



Utilizado para auxiliar nos estudos; voltar em unidades ou cadernos já estudados; indicar *sites* interessantes para pesquisa; realizar experiências.



Utilizado para defininir uma palavra ou expressão do texto.



Utilizado para indicar atividades que auxiliam a compreensão e a avaliação da aprendizagem dos conteúdos discutidos na unidade ou seções do caderno; informar o que deve ser feito com o resultado da atividade, como: enviar ao tutor, postar no fórum de discussão, etc..

SUMÁRIO

Palavra do professor-autor ***11***

Aula 1 - O grupo e suas particularidades ***13***
1.1 Grupo ou Agrupamento: uma distinção necessária 13
1.2 Conceituação de grupos 16
1.3 Como trabalhar com grupos 18

Aula 2 -MODALIDADES GRUPAIS ***20***
2.1 Classificação geral de grupos 20
2.2 Grupos operativos 22
2.3 Psicodrama 24
2.4 Grupos terapêuticos 26

Aula 3 - Dinâmica Grupal ***31***
3.1 Apresentando o termo “Dinâmica” 31
3.2 O Campo Grupal 33

Aula 4 - Desenvolvimento interpessoal ***35***
4.1 Funcionamento e desenvolvimento do grupo 35
4.2 Motivação 37

Aula 5 - Interação no grupo ***42***
5.1 O grupo e as interações em prol da tarefa 42
5.2 Grupos populares e suas tarefas 44

Aula 6 - O papel do coordenador ***47***
6.1 Quem é o coordenador de grupos? 47

Aula 7 - Atributos de um coordenador de grupo ***50***
7.1 O bom coordenador 50

Aula 8 -Liderança ***53***
8.1 De qual líder estamos nos referindo? 53
8.2 Líder: como atingir intervenções eficientes 54

Aula 9 - Algumas estratégias para o trabalho com grupos ***57***
9.1 Oficina de dinâmica de grupo 57
9.2 Como trabalhar autoconhecimento e autoestima 58
9.3 Como trabalhar tomada de decisão, cooperação e feedback 60

Aula 10 - A mudança no processo grupal ***64***
10.1 A mudança no grupo 64

Aula 11 – Planejamento e seleção grupal ***70***
11.1 A composição de grupos de terapia 70
11.2 Previsão do comportamento no grupo 71

Aula 12 – Avaliação do trabalho grupal ***82***
12.1 Momentos do grupo 82
12.2 Levantamento de expectativas 82
12.3 Feedback 84
12.4 Reflexão 85

Aula 13 - Grupo de alcoólatras e dependentes químicos ***88***
13.1 A importância do grupo no tratamento Dependência Química 88
13.2 Dinâmicas de grupo 89

Aula 14 - Grupo de familiares ***92***
14.1 A família como grupo 92
14.2 A terapia familiar 93

Aula 15 - Grupo de Sexualidade ***96***
15.1 O que é sexualidade 97
15.2 Algumas técnicas uteis para trabalhar com sexualidade 97

Referências básicas ***102***

Currículo do professor-autor ***105***

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 10 02/06/2015 11:58:39

PALAVRA DO PROFESSOR-AUTOR

Prezado cursista:

Tenho grande prazer em apresentar a vocês esta construção sobre o trabalho com grupos, uma temática muito importante para a prática profissional dos agentes de saúde.

As relações grupais perpassam todo o convívio que instituímos desde o nascimento até diversos momentos que estabelecemos contatos entrepessoas, no âmbito familiar, de trabalho, escola, faculdade, ciclos de amizades, dentre outros.

Enfim, é muito bom compartilhar com vocês de assuntos que compõem as Técnicas e Dinâmicas de grupo. Espero que se sintam seduzidos pelo trabalho com grupos.

Através deste caderno didático, você conhecerá os principais aspectos referentes à formação de agente comunitário de saúde, ao lidar com as principais temáticas ligadas aos grupos; saberá aplicar de forma coerente os conceitos adquiridos e distinguirá ferramentas necessárias para trabalhar com grupos em diversos contextos (grupos de gestantes, grupos de alcoolistas, grupo de hipertensos, dentre outros).

Outro grande desafio será contextualizar os conhecimentos e as técnicas aprendidas conforme a realidade vivenciada, de acordo com as necessidades da comunidade atendida, seja em uma cidade do interior, uma zona rural ou uma cidade maior.

Portanto, a partir desse momento, saiba aproveitar cada situação que estiver "saboreando" neste livro, as aulas, as tutorias, os conhecimentos e tudo o que você puder partilhar com seus professores. Dê o melhor de si para a sua capacitação profissional e pessoal, lembrando-se de que aquilo que é feito com amor se torna mais prazeroso e mais leve. Então, aproveite este livro ao máximo!

A autora.

Aula 1 - O grupo e suas particularidades

Nesta primeira aula vamos estudar sobre o grupo e como ele é constituído. Aprofundaremos nossa discussão, distinguindo grupo, propriamente dito, de agrupamento.

Além disso, é importante destacar que estamos inseridos em grupos desde o nascimento em grupos desde o nascimento, quando nos inserimos no seio familiar, mais tarde na escola e outros grupos dos quais vamos fazerparte em todo o processo de nossa existência.

Não se assuste leitor, vamos iniciar nossa discussão apresentando conceitos e princípios básicos que norteiam a prática com grupos. Assim, você chegará ao final deste curso tendo desenvolvido habilidades para ser um bom coordenador de grupos.

1.1 Grupo ou Agrupamento: uma distinção necessária

Inicialmente cabe uma distinção entre grupo, propriamente dito, e agrupamento. O ser humanovive a maior parte do tempo de sua vida interagindo com distintos grupos. Desde seu nascimento, a criança estabelece vínculos diversificados. À medida que o indivíduo cresce os agrupamentos vão se renovando e pluralizando; são estabelecidos novos vínculos familiares, com a constituição de novas famílias, de novos grupos associativos, profissionais, sociais, etc. (ZIMERMAN, 2007).



Figura 1: Grupo propriamente dito

Fonte: Oficina das relações humanas. Disponível em http://www.cedeaph.com.br/eventos/oficina-das-relacoes-humanas/, acesso em 13 de outubro de 2014.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 13 02/06/2015 11:58:39

De acordo com oAurélio, grupo é uma "reunião ou conjunto de pessoas, coisas ou objetos que se abrangem no mesmo lance de olhos ou formam um todo. Pequena associação de pessoas reunidas para um fim comum" (FERREIRA, 2001, p. 356).



Figura 2: Agrupamento de pessoas sem vínculos entre si, esperando em um ponto de ônibus.

Fonte: Porque os ônibus atrasam. Disponível em http://rickyoz.blogspot.com.br/2012/02/por-que-os-onibus-atrasam.html, acesso em 13 de outubro de 2014.

Zimerman (2000) nos alerta para a diferença de agrupamento e grupo, e usa um exemplo para clarear a dúvida. Sugere que imaginemos uma orquestra em início de um concerto, quando os músicos estiverem afinando seus instrumentos isoladamente. Temos um exemplo de agrupamento, que é um conjunto de pessoas que convivem e partilham um mesmo espaço; podendo tornar-se um grupo quando houver interação uns com os outros.

A partir do momento que os músicos forem comandados pelo maestro e cada qual assumir seu lugar, seu papel, sua posição, função, dialogando e interagindo uns com os outros, verificaremos a composição de um grupo dinâmico.

A conceituação de grupo é bastante plural, pois tanto pode significar um conjunto de três pessoas como também pode conceituar uma família, uma sala de aula, um grupo terapêutico, uma fila de ônibus, uma torcida num estádio. Vejamos que alguns critérios são úteis para conceituação de grupos:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 14 02/06/2015 11:58:39

BOX 1

- Um grupo não é um mero somatório de indivíduos; pelo contrário, se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos. Podemos dizer que assim como todo indivíduo se comporta como um grupo (de personagens internos), todo grupo se comporta como se fosse uma individualidade.

- Todos os integrantes de um grupo estão reunidos em torno de uma tarefa e de um objetivo comum.

- O tamanho do grupo não pode exceder o limite que ponha em risco a indispensável preservação da comunicação, tanto a visual como a auditiva, a verbal e a conceitual.

- Deve haver a instituição de um enquadre (*setting*) e o cumprimento das combinações nele feitas. Assim, além de ter os objetivos claramente definidos, o grupo deve levar em conta uma estabilidade de espaço (local das reuniões), de tempo (horários, férias, etc.), algumas regras e outras variáveis equivalentes, que delimitam e normatizam a atividade proposta.

- Grupo é uma unidade que se manifesta como uma totalidade, de modo que, tão importante como o fato de se organizar a serviço de seus membros, é também a recíproca disso. (...).

- Apesar de um grupo se configurar como uma nova entidade, como uma identidade grupal genuína, é também indispensável que fiquem claramente preservadas as identidades específicas de cada um dos indivíduos componentes.

- É inerente à conceituação de grupo a existência entre os seus membros de uma interação afetiva, a qual costuma ser de natureza múltipla e variada.

- Em todo grupo coexistem forças contraditórias, permanentemente em jogo: uma tendente à sua coesão, e a outra à sua desintegração. A coesão do grupo está na proporção direta, em cada um e na totalidade dos sentimentos de "pertinência" (é o "vestir a camiseta"). Por outro lado, a coesão grupal também depende de sua capacidade de perder indivíduos e de absorver outros tantos, assim como de sua continuidade.

- É inevitável a formação de um campo grupal dinâmico, em que gravitam fantasias, ansiedades, identificações, papeis etc.

Fonte: ZIMERMAN, David E**: Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul: 2000,p. 83 e 84.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 15 02/06/2015 11:58:39

1.2 Conceituação de grupos

São condições do ser humano ter desejos, identificações, mecanismos de defesa e, principalmente,necessidades básicas como a dependência e o desejo de ser reconhecido pelo outro. “Assim como o mundo interior e o exterior são a continuidade um do outro, da mesma forma o individual e o social não existem separadamente, pelo contrário, eles se diluem, interpenetram, complementam e confundem entre si”. (ZIMERMAN, OSORIO *et al*, 2007, p. 27).

Em um grupo constituído há a formação de um “campo grupal” que se trata de múltiplos fenômenos e elementos do psiquismo resultantes dos elementos intra e intersubjetivos que estão articulados entre si, é “uma estrutura que vai além da soma dos componentes” e que mudanças em um elemento do grupo repercute sobre os demais, em uma interação entre todos os membros do grupo. O autor deixa claro que os fenômenos grupais, presentes em um grupo, são os mesmos em qualquer outro grupo, “variando as respostas às perguntas feitas. E essa variação é que irá determinar a finalidade e, portanto, a modalidade grupal”. (ZIMERMAN, 2000, 84 e 87).



Figura 3: Configuração do campo grupal

Fonte: Campo grupal.Disponível em http://buroyonetimiveyoneticiasistanligi.blogspot.com.br/, acesso em 13 de outubro de 2014.

Ao nascer, a criança é um ser essencialmente biológico e suas primeiras interações e trocas se dão com a mãe, que se torna a primeira agente de sua socialização. Após este momento a criança começa a se relacionar com os outros membros da família, constituindo este seu primeiro grupo social. É a partir dessa convivência que a criança começa seu processo de socialização.

A socialização se dá de duas formas: primária, que ocorre dentro da família onde os aspectos internalizados serão aqueles decorrentes de sua inserção numa classe social, através da percepção que os pais possuem do mundo, e do próprio caráter institucional da família, e a secundária que decorre da própria complexidade existente nas relações sociais, levando o indivíduo a internalizar as representações sociais de modo a se “ajustar” no mundo. Em toda análise que se fizer do indivíduo terá de se remeter ao grupo a que ele pertence.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 16 02/06/2015 11:58:39

Através dessa socialização, juntamente como processo de interação com a família e outras pessoas, a criança e adolescente tem o seu desenvolvimento da sexualidade e da linguagem influenciada por estes.



Figura4: Família, primeiro grupo.

Fonte: Oração da família. Disponível em http://www.oracaodafamilia.com/oracoes/, acesso em 13 de outubro de 2014.

Em geral, os autores, definem grupo como um fenômeno social que reúne duas ou mais pessoas com um objetivo em comum. A diferença entre os autores está no conceito do processo de constituição do grupo e do entendimento da finalidade do mesmo. Grupo também pode ser caracterizado "como um 'todo dinâmico'; isso significa que uma mudança no estado de uma das partes modifica o estado de qualquer outra parte. (LEWIN *apud* STREY, 1999, 201)

Olmested (1979,12 *apud* Strey, 1999, p. 201) também trata deste tema, ele define grupo como "uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes de que têm algo em comum". Bion *apud* Grinberg (Sor e Biauched, 1973, p, 20) sustenta que "nenhum indivíduo, ainda que esteja isolado, pode ser considerado marginal em relação a um grupo".

Ao observarmos um grupo social, podemos perceber a existência de regras e procedimentos pré-determinados que têm por objetivo manter a organização do grupo e a satisfação das necessidades dos indivíduos que dele fazem parte. Esse conjunto de regras é denominado instituições sociais que são os modos de pensar sentir e agir que os indivíduos encontram padronizados e cuja mudança se faz lentamente (OLIVEIRA, 2001).

Para Oliveira (2001, p. 162), "as instituições sociais servem principalmente como um meio para satisfazer as necessidades da sociedade e servem também de instrumento para regularização e controle das atividades humanas". Além de que é no processo de interação nas instituições sociais que se dá o processo de socialização. Berger e Luckman (1987:175) *apud* Vitale (2002,90) conceituam socialização como "a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela".

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 17 02/06/2015 11:58:39

Um exemplo de instituições sociais é a família como um grupo social primário que se refere a indivíduos com objetivos comuns, envolvidos num processo de interação contínuo. As regras e os procedimentos que regulamentam essa relação fazem parte das instituições familiares.

Os primeiros estudos sobre grupos datam do final do século 19 a partir dos estudos da Psicologia das Massas ou Psicologia das Multidões de onde surgiu a Psicologia Social. Mas, foi a partir do estudo de grupos menores que se desenvolveram pesquisas de grupos. O teórico que realizou pesquisas nos Estados Unidos a partir de 1930 foi Kurt Lewin e que influenciou o desenvolvimento de uma teoria organizacional psicológica aplicada no estudo das relações humanas do trabalho e foram feitos investimentos para o desenvolvimento e aplicação desta teoria ao campo organizacional. (BOCK *et al*, 2002).

Outra pesquisa também foi realizada por Elton Mayo na década de 30 e que se tornou o paradigma dos estudos motivacionais no âmbito organizacional. Ele pesquisou "a relação de fadiga nos operários, a partir de uma série de variações experimentais na relação de trabalho, como a frequência de pausa para descanso, a quantidade de horas trabalhadas, a natureza de incentivos salariais". O rumo da pesquisa mudou devido ao fato da observação das relações interpessoais (entre colegas e administração) no ambiente de trabalho ter se mostrado mais importante do que outras questões levantadas pela pesquisa. Essa pesquisa impulsionou os estudos da Psicologia Organizacional diante do olhar das relações interpessoais.

Estudos aprofundados realizados por Kurt Lewin e seus discípulos deram sequência às pesquisas quanto à estrutura e funcionamento do grupo. Quando um grupo é formado,as questões do processo grupal passam a atuar no grupo e nas pessoas, num processo interativo e constante, ou seja, a "mudança no estado de qualquer subparte modifica o estado do grupo como um todo" (BOCK *et al*, 2002, p. 220).

1.3 Como trabalhar com grupos

As atividades em grupo representam excelente recurso para abordar questões relativas à área de saúde, educação, empresarial, dentre outros. No entanto, vale destacar que o trabalho com grupos envolve muito mais que simples "brincadeiras" de entretenimento.

Chamamos atenção para o termo "brincadeira" no sentido de que as dinâmicas de grupo, são concebidas por aqueles que ainda não conhecem com profundidade sobre a Psicologia de Grupos como um simples instrumento lúdico. No entanto, mais a diante veremos que se trata de algo que engloba particularidades e necessidade de conhecimento teórico; o que garante realmente uma perspectiva de efetividade.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 18 02/06/2015 11:58:39

A escolha por uma técnica ou outra, por exemplo, implica principalmente num planejamento que atenda aos objetivos e metas pretendidos pelo terapeuta e pelo grupo. Desse modo, o uso das técnicas de grupoterapia vai muito além de tornar o encontro mais descontraído com o uso de brincadeira.



Para saber mais

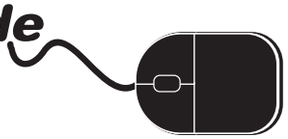
Se você tiver interesse em aprofundar seus estudos sobre grupos saiba que um referencial teórico de grande valia é apresentado por Sigmund Freud em sua obra Psicologia de Massas e Análise de Ego (1921). Nesta produção, o autor apresenta o conceito de grupo como uma construção sobre a psicologia das multidões. Aborda também sobre o Exército e Igreja como grupos artificiais.

Fonte: ZIMERMAN, David. E. Fundamentos Básicos das Grupoterapias. 2.ed. Reimpressão. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.72.

Resumo

Nessa aula, você pode aprender a distinguir grupo de agrupamento e perceber o quanto a presença do grupo está presente em nossas relações cotidianas. Introduzimos sobre como é significativo o trabalho desenvolvido com grupos, o que será melhor abordado nas aulas seguintes como veremos.

Atividade



Quais grupos você participa em suas relações cotidianas? Identifique se eles podem ser caracterizados como um grupo propriamente dito ou se não seriam um agrupamento.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 19 02/06/2015 11:58:40

Aula 2 -MODALIDADES GRUPAIS

Nesta aula, vamos tratar sobre os grupos e suas modalidades. Entendemos que para tratar do trabalho com grupos devemos deixar claro como podem ser classificados Sinalizamos esta relevância, pois durante o planejamento de um grupo devemos levar em conta os objetivos que temos para com o mesmo.

Portanto, destacaremos que o trabalho com grupos pode ser classificado em várias tipologias. Além disso, a distinção por uma, ou por outra, fundamenta o referencial teórico que sustenta a finalidade de cada grupo, ou seja, a modalidade escolhida.

2.1 Classificação geral de grupos

Quando abordamos sobre a temática de grupos, interessa-se inicialmente destacar que: "É válido partir do princípio de que, virtualmente, a essência dos fenômenos grupais é a mesma em qualquer tipo de grupo, e o que determina óbvias diferenças entre os distintos grupos é a finalidade para a qual eles foram criados" (ZIMERMAN, 1997, p. 75).

No entanto, quando aprofundamos nos estudos a esse respeito é perceptível que "é amplo o leque de aplicações da dinâmica grupal, vasta a possibilidade de fazer arranjos combinatórios criativos entre os seus recursos técnicos e táticos, e, igualmente, há certa confusão semântica na área da grupalidade" (ZIMERMAN, 1997, p. 75).

Diante disso, buscaremos apresentar e explicar, mesmo que de maneira breve, algumas modalidades que compreendem o trabalho com grupos. Entendemos que a clareza sobre o uso de algumas terminologias evita que denominações diferentes sejam designadas com aplicações errôneas.

Partiremos do ponto de que existem vastas terminologias que compreendem o trabalho com grupos. Por isto, apresentaremos algumas destas modalidades de classificação e em seguida concentraremos nas discussões daqueles que são mais usuais e, bem como os que poderão ser de mais utilidade para o profissional agente de saúde.

De antemão precisamos esclarecer que existem algumas modalidades grupais que se subdividem de acordo com alguns critérios como pode ser observado no Box seguinte.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 20 02/06/2015 11:58:40

BOX 2

a) Por linhas teóricas:

1. Psicanálise

2. Teoria dos sistemas

3. Teoria do campo grupal

4. Teoria da comunicação humana

5. Grupo operativo, Psicodrama e Sociometria

b) Por faixa etária:

1. Crianças

2. Adolescentes

3. Idosos

c) Por tipo de paciente em questão:

1. Psicossomáticos

2. Terminais

3. Drogadictos

4. Psicóticos

d) Por contexto grupal: casais, famílias, instituições.

e) Por dimensão do grupo: micro ou macrogrupos

f) Quanto aos objetivos a que se destinam: ensino, terapia, realização de tarefas institucionais

g) Quanto às finalidades

1. Operativos: ensino-aprendizagem, institucionais, comunitários e terapêuticos

2. Psicoterápicos: psicodramáticos, teoria sistêmica, cognitivo-comportamental e psicanalítica.

h) Quanto ao *setting* que for instituído

1. Homogêneo

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 21 02/06/2015 11:58:40

2. Heterogêneo

3. Aberto

4. Fechado

Adaptado de ZIMERMAN, David. Modalidades Grupais. IN. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.p. 88-96.

2.2 Grupos operativos

Os grupos operativos são de fundamento da teoria discutida a princípio por *PichonRivière*, em torno da década de 1940, na Argentina. Realiza a investida em seu trabalho, através de observação de paciente hospitalizados, quando começa a delinear conceitos como: porta-voz, depositário, verticalidade, horizontalidade, dentre outros (FISCMANN, 1997, p.95).

Apresentaremos, então, alguns destes termos pela relevância para o entendimento da teoria dos Grupos Operativos. Antes, vale destacar que neste tipo de grupo o cumprimento da tarefa é central no desempenho dos participantes.

Desse modo, apresentaremos os principais papéis que aparecem no grupo operativo. Conforme Gayotto (2001, p. 34-45) são quatro: a) porta-voz; b) bode expiatório; c) sabotador; e d) líder da tarefa.

Para que possa entender melhor, vamos descrever cada um destes. Em primeiro lugar o porta-voz "é aquela pessoa que fala de aspectos relativos às dificuldades para a realização da tarefa" (GAYOTTO, 2001, p. 34).

Já o bode expiatório, prestemos atenção que o termo possa induzir a um entendimento errôneo. Na verdade, este é um papel no grupo que "expressa o conteúdo que é negado pelo grupo e direcionado a uma pessoa" (GAYOTTO, 2001, p. 34). O representante do grupo denominado assim é tido como o culpado de toda adversidade do grupo, enfim é o "problema".

Neste mesmo direcionamento, aquele denominado como sabotador "é a pessoa que procura desviar o grupo da tarefa e dos objetivos comuns a serem alcançados por todos. Cria outras necessidades como sendo as mais importantes para ao grupo nesse momento" (GAYOTTO, 2001, p. 34). Enfim, como o próprio nome diz, é a figura no grupo que tenta desviar os demais do cumprimento da tarefa.

Sabe aquele tipo de pessoa que parece travar o prosseguindo de uma tarefa? Este provavelmente desempenha o papel do sabotador.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 22 02/06/2015 11:58:40

O papel que muitas vezes ganha destaque é o líder da tarefa que se apresenta "quando o porta-voz é ouvido pelo grupo, levando-o a realizar tarefas, havendo cooperatividade" (GAYOTTO, 2001, p. 34). No entanto, deve-se destacar que apesar de sua importância, o líder somente guia o processo de desempenho da tarefa, ele precisa dos demais membros para alcançar êxito.

Já os princípios de horizontalidade e verticalidade, parte da perspectiva da inserção do sujeito no grupo. De modo que esses dois conceitos buscam uma representação simbólica advinda do conceito de linha horizontal, a qual se mantem em uma continua reta deitada (ex.: linha do Equador), já a linha vertical está de pé em uma sentido que pode ser tanto de baixo para cima quanto de cima para baixo. Quando um indivíduo percebe a intersecção entre sua história pessoal, até o momento de sua afiliação, com relação aos demais participantes do grupo, configura-se a verticalidade (FISCMANN, 1997, p.96). Por exemplo, alguém que relembra de sua infância traumática quando alguém narra diante do grupo algum fato semelhante a sua história de vida.

Quando algum membro do grupo identifica-se com a história social deste próprio grupo, até o momento em que se encontram, configura-se então a horizontalidade (FISCMANN, 1997, p.96). Por exemplo, remeter-se a um fato já narrado no grupo para entender outra situação em que se encontram no momento atual.

Outra questão relevante para a compreensão do funcionamento do Grupo Operativo se refere em três momentos que são identificados no processo de mudança de funcionamento, modo de agir e do pensar: a) pré-tarefa; b) tarefa e c) projeto (FISCMANN, 1997, p.97).

Na pré-tarefa, registra-se o predomínio das ansiedades e medos que se apresentam como obstáculos para "entrar na tarefa".Fiscmann (1997, p.97), apresenta um exemplo sobre um grupo de emagrecimento: neste, o emagrecimento é uma **tarefa externa**, explícita e comum a todos, mas é necessário modificar hábitos alimentares, familiares e sociais, o que se apresenta como **tarefa interna**. Explicita uma situação em que se evidencia o emagrecimento notório de um dos membros do grupo, diante de outra integrante com umdesempenho não tão marcante, mas que relata significativas modificações que estão ocorrendo em sua vida devido a inserção no grupo. Diante dos fatos os demais participantes do grupo abordam sobre as duas situações onde, em um; ocorre há perda de peso; e em outro não. A pré-tarefa é configurada quando, na semana seguinte, todos perdem peso, mas não conseguem sentir, nem observar mudanças de atitudes.

Por outro lado, a **tarefa** "consiste na elaboração da ansiedade provocada pela mudança e na integração do pensar, sentir e agir" (FISCMANN, 1997, p.98). Nesse momento, os participantes já dão conta de romper com os obstáculos representados pelos medos e ansiedades, e avançar em temáticas pautadas em estereótipos e bloqueios de comunicação.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 23 02/06/2015 11:58:40

Por outro lado, o **projeto** é entendido como aquele que "aparece emergindo na tarefa e que permite o planejamento para o futuro" (FISCMANN, 1997, p. 98). É o momento que se efetiva a etapa que sucede a situação vivenciada pelo grupo e possibilita uma perspectiva futura.

No exemplo será apresentado em seguida, podemos identificar o modo de funcionamento do grupo operativo como "instrumento que consiste, em última instância, na diminuição dos medos básicos, através da centralização na tarefa do grupo que promove o esclarecimento das dificuldades de cada integrante aos obstáculos" (FISCMANN, 1997, p. 100).

2.3 Psicodrama

Jacob Levy Moreno (1889-1974) apresentou ideias que repercutiram na criação do teatro espontâneo ou de improvisação, depois chamado de psicodrama.

O psicodrama é uma técnica que se baseia na representação teatral, mas devemos deixar claro que não é somente isto, ou um mero estímulo à atuação dramática. Deixaremos claro que alguns pressupostos norteiam o trabalho psicodramático (SEMINOTTI, 1997, p.169):

- A seleção e a composição do grupo seguem critérios usuais da grupoterapia;
- As fantasias, as identificações, os papéis, a transferência são levados em consideração;
- A metodologia psicodramática não é utilizada com exclusividade (a psicanálise é um outro exemplo);
- O psicodrama é uma psicoterapia de *insight*;
- As individualidades e a grupalidade são entendidas dentro de uma "totalidade dinâmica".

A sessão psicodramática engloba basicamente três etapas: a) aquecimento inespecífico e específico; b) dramatização (ou representação dramática – RD) e c) compartilhamento (SEMINOTTI, 1997, p.170).

O protagonista do Psicodrama ou é o grupo ou um membro deste, Seminotti (1997, p.172) recomenda que se dramatizem as ansiedades da grupalidade, pois seu manejo é mais fácil.

Após se escolher o protagonista e a cena, o diretor inicia a preparação específica para a dramatização. A escolha do cenário, seja este real ou imaginariamente criado, é a primeira etapa.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 24 02/06/2015 11:58:40

Vejamos um exemplo no Box seguinte de uma construção de caso a partir da técnica psicodramática:

BOX 3

Uma pessoa de 35 anos, que será chamada Claudia, traz ao grupo terapêutico um conflito que está vivendo com sua irmã mais velha. Diz estar incomodada com essa irmã, que segundo ela, é cada vez mais metida e mandona nas questões familiares. "Agora", diz ela, "até na relação com meu marido".

Terapeuta (T): Sempre foi assim?!

Protagonista (Pr): É sempre. Eu lembro que lá na casa do pai era assim também.

Faz um pequeno silêncio, dando sinais que está entregue a fragmentos de lembranças.

(...)

T: Vamos dramatizar uma destas cenas? Aqui poderia ser a cozinha?

Pr.: Sim, poderia... Digamos que aqui seria a porta que dá para a sala e lá a área de serviço. A mesa aqui.

T: Vamos dar continuidade. Qual a sua idade, agora, nesta cozinha?

Pr.: Acho que tenho 5 (cinco) anos mais ou menos.

T: Tu és pequenina então? E a sua irmã é maior, não é?

Pr.: É, ela já tem uns 10(dez) anos, fala tudo com o pai.

T: Tu estás agora sentada ao lado do pai, você e sua irmã. Está vendo a cena, não é?

Ela senta-se e expressa corporalmente.

E assim, vai se dando a dramatização da cena. Uma pessoa, membro do grupo, representa a irmã de Joana. O terapeuta faz o papel de diretor da cena e no desenrolar dos fatos aproveita para ir realizando a construção do caso, bem como os apontamentos necessários com fins terapêuticos. Além disto, outros membros do grupo são convidados para integrar a cena.

Fonte: adaptado de SEMINOTTI, Nedio. Psicodrama. In. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Atmed, 1997.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 25 02/06/2015 11:58:40

Para facilitar o trabalho o terapeuta focado no psicodrama pode recorrer a algumas técnicas de representação, tais como: inversão de papéis, espelho, duplo, alter-ego, solilóquio, prospecção ao futuro e escultura.

Segundo Moreno (1975, p. 245) a técnica do solilóquio é um exemplo de como duplicar sentimentos e pensamentos ocultos que o paciente possa ter em relação ao parceiro no aqui e agora. Deste modo favorece a catarse dos sentimentos apresentados na cena ou situação dramatizada.

Para explicitar sobre esta técnica, Moreno narra sobre a história de Mary e Robert, que dramatizam uma cena com a orientação de dois egos-auxiliares. Eles representam uma cena em que se arrumam para ir para uma consulta juntos. Ao final do solilóquio, Robert identifica que tem o comportamento de estar sempre com pressa e descobre que este comportamento assemelha-se ao comportamento do seu pai. Além disto, percebe que sempre acha que as coisas estão fora do lugar, como sua mãe.

A semelhança entre as vivências com as experiências vivenciadas com os pais, conduz os pacientes a uma reflexão sobre como estão conduzindo sua vida e como as dificuldades podem ser enfrentadas de outro modo.

Como vimos, a dramatização permite a reconstituição dos estágios evolutivos do indivíduo. De início na técnica da dupla há o reconhecimento de que existe um "eu" e o "outro". Mais adiante, a técnica do espelho possibilita-se que o protagonista, no caso o paciente, possa identificar-se através da apresentação que outra pessoa possa fazer de sua história ou de uma situação. Já a técnica da inversão de papéis favorece a empatia, pois permite colocar-se no lugar do outro (ZIMERMAN, 2000, p.95).

2.4 Grupos terapêuticos

Os grupos terapêuticos, conforme classificação apresentada por Zimerman (2000, p. 94), podem se subdividir em grupos de autoajuda e grupos psicoterápicos propriamente ditos.

2.4.1 Grupos de Autoajuda

O primeiro segmento, grupo de autoajuda, compõe-se "por pessoas portadoras de uma mesma categoria de necessidades, as quais, em linhas gerais, especialmente no campo da Medicina" (ZIMERMAN, 2000, p.94). Partindo desta premissa, o autor as classifica em:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 26 02/06/2015 11:58:40

BOX 4

- Adictos: obesos, fumantes, toxicônomos, alcoolistas, dentre outros.
- Cuidados primários de saúde: programas preventivos, diabéticos, hipertensos, dentre outros.
- Reabilitação: infartados, espancados, colostomizados, dentre outros.
- Sobrevivência social: estigmatizados, como os homossexuais, defeituosos físicos, dentre outros.
- Suporte: cronicidade física ou psíquica pacientes terminais, dentre outros.
- Problemas sexuais e conjugais

Fonte: ZIMERMAN, David. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed, 2000, p.94-95.

Os grupos de Autoajuda mais difundidos são os Alcóolicos Anônimos também conhecidos por sua sigla AA's. Veja na figura seguinte os doze passos que os participantes deste tipo de grupo seguem durante o tratamento:

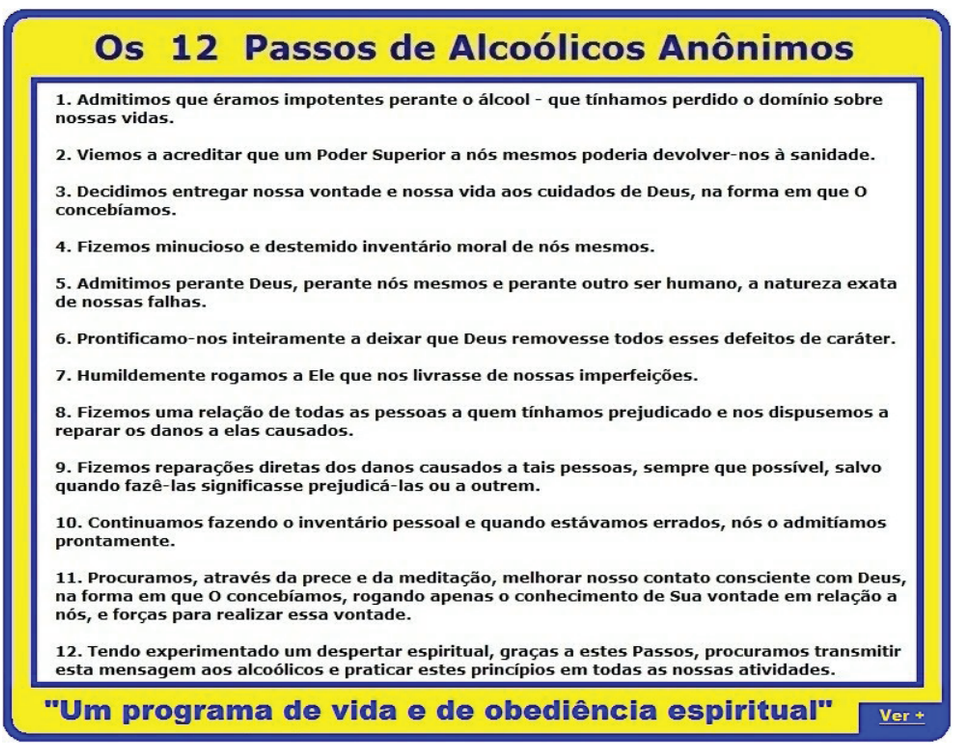


Figura 5: 12 Passos de Alcóolicos Anônimos

Fonte: Grupo tranquilidade. Disponível emhttp://www.grupotranquilidade.com/, acesso em 16 de outubro de 2014.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 27 02/06/2015 11:58:40

2.4.2 Grupos Psicoterápicos Propriamente Ditos

Os grupos constituídos em prol de objetivos psicoterápicos partem da compreensão de que estas dirigem-se ao *insight.* Deste modo, apoiados em um referencial teórico-técnico que pode ser: psicanalítico, psicodramático, sistêmico, cognitivo-comportamento, dentre outros (ZIMERMAN, 2000, p. 95).

A corrente psicanalítica abriga as escolas freudianas e outras como as de Bion, Lacan. Assim Zimerman (2000, p. 95) pontua que: como nas psicoterapias individuais, as grupoterapias podem funcionar por um período longo ou curto, e de acordo com as finalidades (*insight*, mudanças caractereológicas, remoção de sintomas, melhor adaptabilidade).

Portanto, "tudo isso requer uma variabilidade de enquadres, o que também vai determinar uma especificação técnica e tática no emprego das grupoterapias de base analítica" (ZIMERMAN, 2000, p. 95).

A corrente psicodramática como expusemos na seção anterior dos grupos operativos, conserva como eixo seis elementos "cenário, protagonista, diretor, Ego auxiliar, público e a cena a ser apresentada" (ZIMERMAN, 2000, p. 95).

A Teoria Sistêmica entende os grupos como um sistema em constante interação, complementação e suplementação. Deste modo, a modificação de um elemento afetará necessariamente o sistema como um todo, ou seja, todos os envolvidos. A terapia de família é um exemplo da utilização da Teoria Sistêmica como fundamento (ZIMERMAN, 2000, p. 96).

A corrente cognitivo-comportamental percebe o indivíduo como um organismo processador de informações, por isto tem como objetivos principais: uma reeducação das concepções errôneas, um treinamento das habilidades comportamentais e uma modificação no estilo de viver (ZIMERMAN, 2000, p. 96).

Outras tantas correntes teóricasencontram-se em expansão nos Estados Unidos, centros europeus e latino-americanos, no entanto privilegiamos aqui discorrer sobre aqueles mais difundidos na atualidade.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 28 02/06/2015 11:58:40

BOX 5

Exemplo

Trata-se de um grupo operativo que trata a depressão, em um serviço público de saúde mental. Este grupo tem uma história de 5(cinco) anos de tratamento com a mesma coordenadora, que está para sair da instituição que trabalha, mas não havia ainda colocado nem trabalhado tal assunto no grupo. Naquela sessão, estava iniciando uma paciente nova que tinha como fator desencadeante de sua depressão o afastamento de seu filho que fora fazer um curso no exterior. A paciente permanece queixosa e chorosa no grupo. O tema perda é comum a todos, os demais pacientes a receberem tentando tranquilizá-la e contam sobre suas próprias perdas e motivos que os trouxeram a esse tratamento, bem como o quanto estavam podendo elaborar melhor tais perdas ali no grupo. Recebem-na com muita receptividade, verbalizando que "devemos aprender a deixar nossos filhos fazerem suas escolhas na vida". Dizem enfaticamente que ela não estava perdendo o filho, mas sim, ganhando um filho mais satisfeito e realizado por estar podendo crescer em sua vida profissional. Esse processo permitiu ao coordenador introduzir o assunto de sua saída, pois o grupo demonstrava que estava começando a "aprender a lidar melhor com suas perdas".

Fonte: FISCMANN, Janice B. Como agem os grupos operativos. IN. ZIMERMAN, David; OSORIO. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997, p. 99.

Glossário ABC

Afiliação: segundo Gayotto (2001, p. 38), é o momento quando uma pessoa guarda uma determinada distância, sem incluir-se totalmente no grupo.

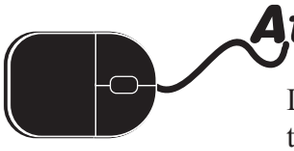
Função de ego auxiliar: Segundo Zimerman e Osorio (1997, p. 44), o coordenador deve emprestar a sua função de ego para às pessoas que ainda não as possuem, o que acontece quando se trata de um grupo bastante regressivo.

Insight: tomada de consciência que as pessoas têm a partir de sua própria fala razão pelos comportamentos na situação em que se encontram.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 29 02/06/2015 11:58:40

Resumo

Nesta aula 2, você aprendeu sobre as modalidades grupais que são distinguidas conforme suas finalidades, público atendido, dentre outros critérios.



Atividade

Leia o exemplo citado e veja você, faz com que você se lembre de alguma situação que você tenha vivido em seu cotidiano familiar, profissional ou outra área. Em seguida, busque identificar os papéis do Grupo Operativo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 30 02/06/2015 11:58:40

Aula 3 - Dinâmica Grupal

Nesta Aula 3, estudaremos sobre a "dinâmica" de um grupo e o quanto esta temática é relevante para o entendimento do grupo e de sua funcionalidade.

Priorizaremos sobre a abordagem de Kurt Lewin, muito bem referenciado na obra de Afonso (2001) como o primeiro teórico a utilizar o termo "dinâmica", relacionado ao trabalho com grupos.

Posteriormente, citamos Lucia Afonso (2001) como uma autora referência no trabalho com grupos, sobretudo na perspectiva psicossocial. É, portanto, importante conhecer como Afonso (2001) constrói suas intervenções pautadas em "dinâmicas de grupo" para atingir os objetivos pretendidos no trabalho com grupos.

Mais adiante abordaremos sobre o campo grupal e os fenômenos relacionados a este, ou seja, ansiedades, defesas e identificações.

3.1 Apresentando o termo "Dinâmica"

Em estudo sobre as relações entre a teoria e a prática em Psicologia Social, Kurt Lewin usou pela primeira vez o termo dinâmica de grupo. As forças psicológicas e sociais que atuam sobre os grupos são percebidas através da coesão, coerção, pressão social, atração, rejeição, resistência à mudança, interdependência, equilíbrio e quase-equilíbrio (MINICUCCI, 1997).



Figura 6: Imagem de Kurt Lewin

Fonte: vídeo *steaming*. Disponível emhttp://www.fernuni-hagen.de/videostreaming/zmi/video/2006/06-06_78042/, acesso de 24 de outubro de 2014.

Além disto, diferentes teorias contribuíram para a compreensão das pesquisas em dinâmicas de grupo com realização de observações empíricas, grupos de laboratório e mensuração de fenômenos sociais importantes. (MINICUCCI, 1997).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 31 02/06/2015 11:58:40

BOX 6

Em sentido amplo, a expressão **dinâmica de grupo** não limita seu significado apenas ao campo de investigação dirigida no sentido de progredir no conhecimento da vida do grupo; também se refere a uma série de premissas valorativas, a uma série de objetivos de educação e a um conjunto de procedimentos mediante os quais possa ser mantida a ordem no grupo, para a obtenção do sucesso desses objetivos.

Outro emprego da expressão é no terreno da educação, fazendo referência a todas as técnicas utilizadas pelo grupo na solução dos problemas. Nestas se incluem (...) interpretação de papéis, observação de grupos, e outras análogas. Em certas ocasiões, a expressão refere-se ao tipo de práticas diretivas, empregadas para ajudar o grupo a aperfeiçoar seu processo.

Fonte: MINICUCCI, Agostinho. Dinâmica de grupo: teorias e sistemas. São Paulo: Atlas, 1997, p.24, 25.

No contexto do trabalho com grupos na área psicossocial, Afonso (2010) discute sobre a teoria de Lewin, apresentando-a como a precursora sobre o termo "dinâmica", na perspectiva do pequeno grupo percebido em sua relevância na mudança cultural. O contato face a face favorece que os indivíduos compartilhem experiências e aprendam mutualmente.

Assim, Afonso (2010) afirma que existem dois tipos de dinâmica uma externa e uma interna. A externa diz respeito ao resultado das forças institucionais e econômicas, por exemplo, e como o grupo reage diante destas (com receptividade, passividade ou resistência). A interna é referente à organização do grupo, como os papéis, a liderança, a comunicação e o próprio processo de mudança e resistência perante estes.

Assim, a dinâmica percebida no grupo reflete a dinâmica vital do sujeito estabelecida em suas múltiplas relações interpessoais. Abordamos isto, entendendo que a dinâmica de funcionamento do grupo é semelhante às experimentadas nas relações cotidianas com familiares, grupos de trabalho e outros.

Além disto, Zimerman (2000, p. 117) alerta que o grupoterapeuta deve ser bem claro em suas colocações, levando em consideração os seus principais elementos que compõem adinâmica no campo grupal, que são: 1) ansiedades; 2) defesas; 3) identificações.

O campo grupal composto por múltiplos fenômenos e elementos do psiquismo e, como se trata de uma estrutura, resulta que todos estes elementos, estejam articulados entre si em uma constante interação (ZIMERMAN, 2000,p. 84).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 32 02/06/2015 11:58:40



Figura 7: Orquestra Sinfônica de Sergipe, sob direção Artística e Regência de Guilherme Mannis

Fonte: orquestra sinfônica. Disponível em http://www.orquestrasinfonica.se.gov.br/musicos, acesso em 16 de outubro de 2014.

3.2 O Campo Grupal

O entendimento sobre o termo "campo grupal" está intimamente relacionado à dinâmica do grupo como um todo. Conforme Zimerman (2010, p.117), é necessário que o grupoterapeuta tenha muito bem discriminado para si os principais elementos que compõem a dinâmica do campo grupal.

Vejamos então estes fenômenos: 1) ansiedades; 2) defesas e 3) identificações.

O primeiro destes é para Zimerman (2010, p.117) a ansiedade que nem sempre é expressa por angústia livre, mas passa a se expressa a partir de uma "ânsia" como sinal de um perigo ameaçador de equilíbrio interno. Além disso, existem sete estados de ansiedades:Ansiedade de aniquilamento; Ansiedade de desamparo; Ansiedade de fusão-despersonalização; Ansiedade de separação; Ansiedade de perda do amor; Ansiedade de castração; Ansiedade devida ao superego (ZIMERMAN, 2010, p. 118).

Vejamos então o segundo fenômeno denominado mecanismos de defesa. Este é um termo que designa "os distintos tipos de operações mentais que têm por finalidade a redução das tensões psíquicas internas, ou seja, das ansiedades" (ZIMERMAN, 2010, p. 119). Pode parecer, a princípio, causar um estranhamento do termo, mas é algo simples quando pensarmos que se refere a uma espécie de defesa que criamos para nos proteger de algo aversivo.

Portanto é importante destacar que, para os mecanismos de defesa "o grau do seu emprego diante das ansiedades é que vão determinar a natureza da formação – a normalidade ou patologia – das distintas estruturações psíquicas" (ZIMERMAN, 2010, p. 120). Pois são estes mecanismos que funcionam como meio de defesa diante de situações configuradas como de ansiedade.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 33 02/06/2015 11:58:41

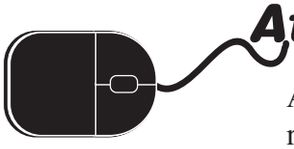
Ampliando nosso entendimento, vale frisar ainda que o fenômeno das identificações, resulta "das cargas de identificações projetivas pelas quais o indivíduo, que não consegue conter dentro de si próprio os seus aspectos maus (mas também podem ser os bons), que então passam a serem sentidos como idênticos a ele" (ZIMERMAN, 2010, p. 121).

Com relação a estes três fenômenos,vimos que a relevância destes na configuração do campo grupal, refere-se a uma percepção mais ampla das conjunturas com que compõem a dinâmica de um grupo e suas inter-relações. Portanto, como os indivíduos percebem cada um deste refletirá em como é representado o campo grupo em que se encontram inseridos.

Resumo

Nesta Aula 3, você conheceu sobre:

- o termo "dinâmica" relacionado ao trabalho com grupos;
- como o entendimento deste se faz relevante para se tornar efetivo as atividades abordadas no grupo;
- o termo "campo grupal" e como este está relacionado à dinâmica grupal.
- as ansiedades, defesas e identificações como elementos do campo grupal.



Atividade

Apresente uma relação entre o conceito de "dinâmica" e o trabalho do grupo representado em uma orquestra.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 34 02/06/2015 11:58:41

Aula 4 - Desenvolvimento interpessoal

Vejamos, nesta aula, que o desenvolvimento interpessoal se compõe da interação de diversos aspectos relevantes ao estabelecimento de vínculos entre pessoas e suas relações em um grupo.

Introduziremos abordando sobre o funcionamento e desenvolvimento do grupo, em seguida teremos a oportunidade de discutir sobre motivação e como está diretamente relacionada à conquista de qualidade de vida. Consequentemente, ao que Maslow nomeou como necessidades básicas.

4.1 Funcionamento e desenvolvimento do grupo

As relações interpessoais ocorrem e se desenvolvem devido ao processo de interação. As pessoas compartilham situações diversas no dia a dia bem como sentimentos como comunicação, cooperação, respeito, amizade. À medida que a convivência prossegue, os sentimentos influenciarão as interações seguintes, podendo, os sentimentos positivos de simpatia aumentar a interação e cooperação desencadeando maior produtividade e melhor crescimento interpessoal. No entanto, quando os sentimentos são negativos e de antipatia e rejeição, tenderão a diminuir as interações, provocando afastamento, prejudicando a comunicação e os resultados das tarefas do grupo. (MOSCOVICI, 1998).

A partir do momento que uma pessoa participa de um grupo, passa a levar para o grupo suas diferenças internas como conhecimentos, opiniões, preconceitos, atitudes, experiência anterior, crenças, sentimentos em relação a cada situação compartilhada, etc. A forma como essas diferenças são encaradas e tratadas determina a qualidade do relacionamento entre os membros do grupo, "se as diferenças são tratadas em aberto, a comunicação flui fácil, em dupla direção, as pessoas ouvem as outras, falam o que pensam e sentem, e têm a possibilidades de dar e receber *feedback*". Porém, se ocorre o contrário e "as diferenças são negadas e suprimidas, a comunicação torna-se falha, incompleta, insuficiente, com bloqueios, barreiras, distorções e 'fofocas'", o que faz com que as pessoas não falem o que gostariam e nem escutem o que as outras dizem. (MOSCOVICI, 1998, p. 35).

O relacionamento torna-se então, a mola propulsora do resultado do clima emocional do grupo, podendo se tornar harmonioso e prazeroso, possibilitando um trabalho cooperativo, integrado e mais direcionado da força grupal ou, pode tornar-se conflitivo, levando a uma deterioração do desempenho grupal podendo culminar na dissolução do grupo. (MOSCOVICI, 1998).

"Relações interpessoais e clima de grupo influenciam-se recíproca e circularmente, caracterizando um ambiente agradável e estimulante, ou desagradável

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 35 02/06/2015 11:58:41

e averso, ou neutro e monótono". (MOSCOVICI, 1998, p, 35). A circularidade e sintonia entre a liderança e a participação eficaz em grupo dependem da competência interpessoal do líder e dos membros. Portanto, torna-se essencial o desenvolvimento da competência interpessoal dos membros do grupo para que se alcance melhores resultados grupal. (MOSCOVICI, 1998).

A "competência interpessoal é a habilidade de lidar eficazmente com relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidade de cada uma e à exigência da situação".

Adquirir competência interpessoal requer um longo processo de crescimento pessoal, pois envolve autopercepção, autoconscientização e autoaceitação como base das possibilidades de percepção do outro e da situação interpessoal. Tal percepção requer treinamento que exige coragem e disponibilidade psicológica para receber *feedback.* O caminho para se chegar ao autoconhecimento é o outro, por meio de *feedback*, a partir do olhar do outro. Quanto mais o indivíduo tem uma percepção mais realística e acurada da situação interpessoal, consegue agir de forma mais adequada. (MOSCOVICI, 1998, p. 37).

BOX 7

A habilidade de lidar com situações interpessoais engloba várias habilidades, entre as quais: flexibilidade perceptiva e comportamental, que significa procurar vários ângulos ou aspectos da mesma situação e atuar de forma diferenciada, não-rotineira, experimentando novas condutas percebidas como alternativas de ação. Desenvolve, concomitantemente, a capacidade criativa para soluções ou propostas menos convencionais, com resultados duplamente compensadores: da resolução dos problemas e da auto-realização pelo próprio ato de criança, altamente gratificante para as necessidade do ego (estima) (...). Outras habilidades consistem em dar e receber *feedback,* sem o que não se constrói um relacionamento humano autentico, conducente ao encontro eu-tu, de pessoa a pessoa, ao invés da relação eu-isto, de sujeito a objeto, na concepção de Martin Buber (1970). Assim ampliam-se a capacidade perceptiva e o repertório comportamental do indivíduo saindo dos limites estreitos da conduta estereotipada do dia a dia.

Fonte: MOSCOVICI, Fela. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 36 02/06/2015 11:58:41

Outro ponto importante da competência interpessoal é a dimensão emocional -afetiva. O equilíbrio entre ambos é que fará com que o relacionamento não sofra danos, podendo se tornar mais forte e verdadeiro. Portanto, a competência interpessoal é o resultado da "percepção acurada realística das situações interpessoais e de habilidades específicas comportamentais que conduzem a consequências significativas no relacionamento duradouro e autêntico, satisfatório para as pessoas envolvidas". (MOSCOVICI, 1998, p. 38).

4.2 Motivação

A motivação é um conceito muito importante para a psicologia e que influencia todas as nossas relações, a nossa relação com a gente mesmo e com os outros.



Figura 8: Mensagem motivacional

Fonte: A grandeza da motivação. Disponível em http://loungeempreendedor.com.br/2014/04/26/a-grandeza-da-motivacao/, acesso em 13 de outubro de 2014.

A motivação é um produto de nossos pensamentos, expectativas e objetivos; a motivação orienta o comportamento humano e o desempenho do indivíduo. Maslow pesquisou as necessidades humanas e as colocou em uma hierarquia e sugere que para as necessidades de alto nível serem satisfeitas, as necessidades básicas devem ser sanadas primeiro (RENNER, 2012).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 37 02/06/2015 11:58:41



Figura 9: Pirâmide de Maslow

Fonte: Pirâmide de Maslow. Disponível em http://pryscillamacedo.wordpress.com/entendendo-a-piramide-de-maslow/, acesso em 21 de outubro de 2014.

De acordo com a figura 9,vemos que Maslow organizou a pirâmide de forma que as necessidades básicas ficaram na base, e as necessidades de nível alto no topo da pirâmide. As necessidades básicas ou primarias são: necessidades de água, comida, sono, sexo e similares.

No degrau acima, estão as necessidades de segurança.Precisamos de ambiente seguro e protegido para viver e funcionar. No terceiro degrau começam as necessidades de alto nível, exclusivas do homem e que são aprendidas e adquiridas no decorrer da vida e representam padrões mais elevados e complexos. Necessidades de amor e de pertencimento incluem a motivação para dar e receber afeto e de ser um membro de um grupo ou sociedade. Logo depois, destaca-se a necessidade de estima que se relaciona a necessidade de desenvolver um sentido de autovalorização ao ser reconhecido e valorizado. (RENNER, 2012).

No topo da pirâmide está a necessidade de autorrealização que é a necessidade de nível mais alto. É um estado de auto satisfação em que as pessoas se sentem bem com elas mesmas e usam seu talento ao máximo. (RENNER, 2012).

As necessidades básicas não seguem uma hierarquia de forma rígida, pode haver variação em sua posição e preponderância em pessoas diferentes, como por exemplo, há pessoas em que a autoestima é mais importante que o amor. A satisfação das necessidades na infância de forma equilibrada parece desenvolver maior tolerância à frustração em decorrência de uma estruturação

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 38 02/06/2015 11:58:41

saída e desenvolvimento da personalidade em que o indivíduo apresenta confiança básica e sentimentos de segurança psicológica. “O sistema motivacional humano é altamente complexo, podendo ser concebido como o conjunto de ‘condições pela variação na intensidade, qualidade e direção do comportamento’. Essas condições são intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo”. (MOSCOVICI, 1998, p.83).

O ser humano tem como necessidade básica pertencer a um grupo e quando a pessoa entra em um grupo ela possui interesses, mesmos objetivos que o grupo, mas ela também traz aquilo que é seu, suas características próprias e manter o equilíbrio entre ambos, indivíduo e grupo, não é fácil.

BOX 8

O ser humano não vive isoladamente, mas em contínua interação com seus semelhantes. As interações entre as pessoas diferem profundamente das que existem entre objetos meramente físicos e não biológicos. Nas interações humanas ambas as partes envolvem-se mutuamente, uma influenciando a atitude que a outra irá tomar e vice versa. Em face das suas limitações individuais os seres humanos são obrigados a cooperarem uns com os outros para alcançarem certos objetivos que ação individual isolada não conseguiria alcançar.

Fonte: CHIAVENATO, Idalberto. Recursos humanos na empresa. São Paulo: Atlas, 1994.

Outra concepção sobre grupos é a de Jacob Moreno, que é muito bem referenciado na obra de Minicucci (1997), em que o homem é definido por dimensões de sua existência, ele introduziu uma terminologia própria em dinâmica de grupo, o psicodrama, sociodrama, etc.

No psiocodrama o homem é olhado a partir dos papeis que desempenha na sua vida. Diante dos papéis ‘representados’ a pessoa se sente congruente ou incongruente. No grupo, existem diversos papéis a serem representados e que são, muitas vezes, sutis em relação ao grupo (pacificador, unificador, sabotador, coordenador, animador, palhaço, etc.). Esses papéis são expressos através de atitudes adotadas dentro do grupo, e que se desenvolvem ou se modificam, o que forma a dinâmica do grupo. (MINICUCCI, 1997).

Segundo Minicucci (1997, p. 37) é necessário “aprender (ou voltar a aprender) a assumir os papeis necessários, ser capaz de mudar de papel para fazer frente às exigências de dada situação, tudo é sinônimo de ajustamento da personalidade social”.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 39 02/06/2015 11:58:41

Portanto, torna-se importante então, possibilitar a espontaneidade e a eliminação de 'papeis crônicos', que fazem as pessoas se tornarem inadaptadas e deslocadas devidoa rigidez dos papeis assumidos por elas. (MINICUCCI, 1997, p. 37).

Existem fatores importantes para a sobrevivência do grupo. São eles: a existência, a interdependência de seus membros e a contemporaneidade. Cada grupo possui características peculiares que compõe o que *Kurt Lewin* (teórico que pesquisou grupos) chamou de atmosfera grupal. Os objetivos do grupo não precisam ser idênticos aos objetivos do indivíduo e as divergências entre ambos possui um limite para que não haja rompimento. (MINICUCCI, 1997).

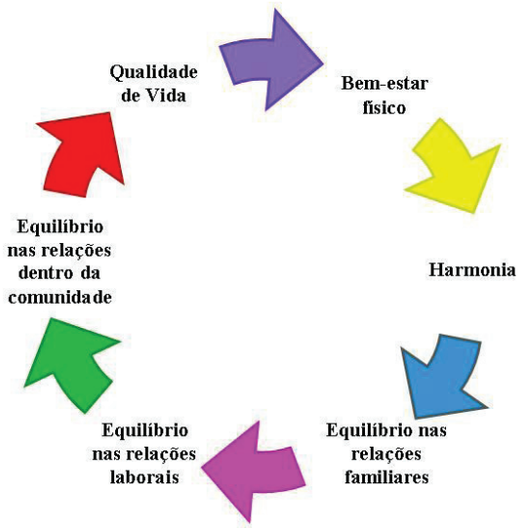


Figura 10: Qualidade de vida e motivação para o trabalho

Fonte: De bem com a vida. Disponível emhttp://elidebemcomavida.blogspot.com.br/2014/05/e-como-esta-sua-motivacao.html, acesso em 13 de outubro de 2014.

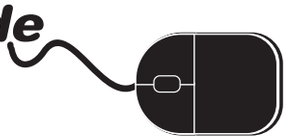
Resumo

Nesta Aula4, você viu sobre:

- As relações interpessoais no contexto do desenvolvimento humano;
- A motivação relacionada à competência interpessoal;
- A pirâmide de Maslow e a hierarquia das necessidades.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 40 02/06/2015 11:58:41

Atividade



Reflita sobre a Hierarquia das Necessidades Básicas apresentadas na pirâmide de Maslow e relacione com a sua motivação para o trabalho. Que lugar ocupa o trabalho entre suas prioridades? (10 Linhas)

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 41 02/06/2015 11:58:41

Aula 5 - Interação no grupo

Até aqui já discutimos sobre alguns aspectos referentes ao trabalho com grupos. Nesta Aula 5, focaremos em como um grupo deve estar focado em uma tarefa para alcançar os objetivos coletivos.

Abordaremos, em princípio, sobre as interações interpessoais que são estabelecidas em prol do cumprimento desta tarefa então definida pelo grupo.

Em seguida, será necessário apresentar algumas modalidades emocionais que favorecem ou não o cumprimento da tarefa.

5.1 O grupo e as interações em prol da tarefa

As interações sociais ocorrem em diferentes contextos e situações específicas e são regidas por normas culturais. Há uma dimensão pessoal, os conhecimentos, as crenças, os sentimentos da pessoa e uma questão que envolve as habilidades sociais e que dependem da "dimensão situacional" que é o contexto onde os encontros acontecem e da dimensão cultural que são os valores e normas do grupo. (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001).

As pessoas que são socialmente competentes são as que mais contribuem para diminuir as perdas e aumentar os ganhos para si e para aquelas com as quais interagem. O desempenho socialmente competente é aquele baseado na coerência entre os subsistemas afetivo, cognitivo e conativo, ou seja, o indivíduo consegue fazer uma 'boa leitura' do ambiente social valorizando as trocas sociais de forma adequada. (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2001).

BOX 9

Em termos de efetividade, é possível atribuir competência social aos desempenhos interpessoais que atendem aos critérios de: a) consecução dos objetivos da interação; b) manutenção ou melhora da autoestima; c) manutenção e/ou melhora da qualidade da relação; d) maior equilíbrio de ganhos e perdas entre as parceiras da interação; e) respeito e ampliação dos direitos humanos básicos. Embora todos esses critérios não sejam usualmente atendidos em uma mesma situação, pode-se afirmar que quanto mais deles são atendidos simultaneamente, maior competência social pode ser atribuída ao indivíduo.

Fonte: DEL PRETTE, Almir. Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p.34.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 42 02/06/2015 11:58:41

Para o processo de interação humana acontecer é necessário que haja comunicação. O ser humano comunica-se por meio de palavras ou gestos, posturas, etc. O fato de estarmos na presença de alguém já indica que estamos interagindo e comunicando algo aos demais, seja através de disposição para conversar, constrangimento, ressentimento, ou qualquer outro sentimento. (MOSCOVICCI, 1998).

A interação humana ocorre no nível da tarefa e do socioemocional. A tarefa diz respeito às atividades desenvolvidas no dia a dia de acordo com os objetivos comuns do grupo. Já o nível socioemocional diz respeito agama de sentimentos gerada pela convivência diária e das funções de manutenção do próprio grupo. Os papéis que são assumidos com mais frequência no grupo caracterizam a atuação do indivíduo no grupo. Portanto, umas pessoas iniciarão as tarefas do grupo enquanto outras irão dinamizar e estimular os esforços, e outras irão apenas observar. Em relação ao nível socioemocional, algumas pessoas irão balizar as tensões enquanto outras irão mostrar mais solidariedade.Outros apresentarão discordância, outros aumentarão a tensão, etc. (MOSCOVICCI, 1998).

Um grupo pode apresentar modalidades emocionais de interação e que poderão facilitar ou dificultar as interações grupais. Vejamos o Box seguinte:

BOX 10

Modalidades de interação grupal:

Modalidade dependência

1. Apelos para orientação ou apoio.
2. Confiança em estrutura definida, procedimento ou tradição.
3. Dependência na autoridade externa.
4. Expressões de fraqueza ou inadequação.

Modalidade de luta

1. Atacar, depreciar o grupo; impaciência agressiva com o grupo.
2. Atacar membros individualmente.
3. Bloquear o grupo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 43 02/06/2015 11:58:41

4. Autopromoção à custa dos outros.

5. Projeção de hostilidade.

Modalidade fuga

1. Evasão ou envolvimento diminuído. Exemplos: silêncio, rabiscar papel, olhar para a janela.

2. Humor, fantasia, riso de alívio de tensão.

3. Afirmações inadequadas superintelectualizadas, supergeneralizadas.

4. Irrelevância total.

Modalidade união

1. Expressões de apoio, calor humano, intimidade.

2. Apoio às ideias de outra pessoa.

3. Expressões de apoio, engajamento e calor dirigidas ao grupo como um todo.

Fonte: MOSCOVICI, Fela. Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 122 - 123.

Os pontos facilitadores estão localizados, sobretudo na modalidade de união e de luta. Já os aspectos que poderão apresentar-se como dificultadores no processo de cumprimento de uma tarefa podem ser visualizados através da modalidade de dependência e fuga.

5.2 Grupos populares e suas tarefas

Agora vamos tentar aprofundar mais ainda a discussão apresentando a "Dinâmica de Grupos Populares", a partir da teoria discutida pelo autor William César Castilho Pereira (1982).

Inicialmente, exemplificaremos sobre os grupos populares através de um Grupo de Jovens que tem definido seu papel diante de certa comunidade descrita por Pereira (1982):

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 44 02/06/2015 11:58:41

BOX 11

O GRUPO DE JOVENS

Os jovens formam um grupo alegre e com muito movimento e barulho. É um grupo bem diferente e suas atividades são variadas. Ora trabalham ajudando a associação, ora o grupo da capela, ora a creche. O interesse deles é imediato e, mal terminam uma tarefa, logo passam a fazer outra. Parecem o coringa de um baralho, estão em todas e na deles.

O grupo também se reúne para refletir, debater assuntos próprios da vida dos jovens como: namoro, drogas, problemas de família, de desemprego e das escolas. Promovem festas, rodas de samba, artesanato, atividades culturais e artísticas às vezes pesquisam a vida dos moradores da vila.

Fonte: PEREIRA, William César Castilho. Dinâmica de Grupos Populares. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1982, p. 105.

Os grupos populares ou sociais podem ser representados por membros de uma associação de bairros, por um grupo de mulheres e mães de alunos de uma escola especial, por um grupo de partido político, dentre outros.

Segundo Pereira (2002, p. 155), "a participação popular tem por finalidade de integrar as pessoas para o funcionamento harmonioso do sistema, de acordo com o que estabelece a classe dirigente ou liderança tradicional".



Figura 11: Um mutirão

Fonte: PEREIRA, William César Castilho. Dinâmica de Grupos Populares. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1982, p. 117.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 45 02/06/2015 11:58:41

Deste modo, percebemos que os grupos populares tem atuação voltada para transformação da ordem social através do processo de criação do "poder popular" (PEREIRA, 2002, p. 155). Por conseguinte, pautados em uma lógica que caminha rumo ao cumprimento de uma tarefa.

Resumo

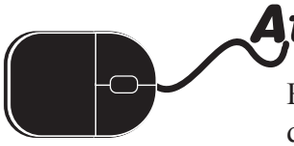
Nesta aula você aprendeu que:

- Um grupo deve estar focado em uma tarefa;
- As interações humanas auxiliam no cumprimento da tarefa;
- Existem algumas modalidades emocionaisque auxiliam ou dificultam;
- O cumprimento da tarefa em grupos populares.



Para saber mais

Duelo de Titãs é um significativo exemplo defilme onde é possível ver representado um grupo ordenado em prol do cumprimento de uma tarefa que, no caso, é vencer com o time de futebol. Para isto, os personagens superam o racismo e o preconceito existentes no time, conquistando o respeito de seu treinador que desempenha o papel de guia perante o grupo.



Atividade

Em sua comunidade existem grupos populares? Diante dos grupos apresentados identifique um, e relacione de maneira explicativa os aspectos aqui abordados sobre o comprimento de tarefas com a metodologia prática existente no grupo que fora escolhido juntamente com a identificação da principal tarefa desempenhada pelo mesmo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 46 02/06/2015 11:58:41

Aula 6 - O papel do coordenador

Nesta aula 6, você fará o papel de coordenador de grupos, pois a princípio discutiremos sobre quem é coordenador de grupos e qual o lugar que ocupa na dinâmica grupal instaurada através das atividades que serão desenvolvidas pelo grupo.

6.1 Quem é o coordenador de grupos?

Caro leitor, para evitar possíveis confusões teóricas, introduzimos esta aula com uma explicação sobre o uso do termo "coordenador" empregado por Zimerman & Osório (2007, p. 41) no "sentido mais amplo desde as situações que se formam naturalmente, sem maiores formalismos, passando por grupos especialmente organizados para alguma tarefa, até a situação mais sofisticada e complexa de um grupoterapeuta coordenando um grupo".

Optamos por apresentar este clareamento tendo em vista que alguns autores como Zimerman & Osório (2007) e Gayotto (2003) vão discorrer que o papel do coordenador é configurado nas relações com o grupo, caracterizando-se como o líder propriamente dito que tem atribuído diretamente este papel de guiar as ações e tarefas realizadas pelos demais participantes.

Gayotto (2003, p. 136) afirma que as intervenções do coordenador ocorrem de "forma direta e quase constante". Afirma ainda que: "o consideramos aquele que *facilita* os caminhos para as realizações e para o protagonismo na tarefa, podemos entender que, em algumas ocasiões, pode passar quase *desapercebido*" (GAYOTTO, 2003, p.136).

Daí então ressaltar que o coordenador tem importância pela figura transferencial que representa para o grupo. Sendo assim, "pessoa real do coordenador, com seu jeito verdadeiro de ser, e, por conseguinte, com os atributos humanos que ele possui, ou lhe faltam" (ZIMERMAN & OSÓRIO, 1997, p.41). Vale destacar duas ressalvas apresentadas pelos autores: 1*)* cada situação exige atributos igualmente especiais para a pessoa do coordenador; 2) os atributos apresentados como requisitos para um coordenador não devem transmitir a falsa impressão de uma condição de 'super-homem'.

Muitas pessoas queixam de dificuldade de se apresentarem coordenadores de grupo devido à timidez excessiva. Por isto, registramos aqui algumas considerações sobre o que Caballo (2003) discute a respeito da timidez denominada pela literatura específica como falta de "habilidade social" para falar em público.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 47 02/06/2015 11:58:41

Para saber mais

Caballo (2003) demonstra que o Treino de Habilidades Sociais (THS) auxilia para o bom desempenho de pacientes diante do enfrentamento de situações de exposição social. As habilidades sociais esperadas seriam aquelas que predominam a ocorrência de comportamento assertivo.

Portanto conforme Lazarus (1973) *apud* Caballo (2003, p.) são estabelecidas em quatro tipos de respostas ou dimensões comportamentais que abrangiam as habilidades sociais / asserção: 1) a capacidade de dizer não; 2) a capacidade de pedir favores e fazer pedidos; 3) a capacidade de expressar sentimentos negativos e a capacidade de manter e terminar conversações.

Diante disto, o comportamento assertivo seria expresso quando as pessoas conquistam a predominância de atitudes que garantem repertório onde conseguem expressar-se sem adotar postura de passividade nem de agressividade. Enfim, dão conta de dizer o que pensam.

Fonte: CABALLO, Vicente. Manual de Avaliação e Treino de Habilidades Sociais. São Paulo: Editora Santos,2003.

Resumo

Nesta aula 6, você viu que:

- O papel do coordenador é formado a partir da relação com os participantes e nas finalidades propostas.
- As intervenções ponderadas pelo coordenador são muitas vezes apresentadas de forma indireta e quase desapercebida.
- As habilidades sociais para ser um bom coordenador de grupos podem ser desenvolvidas através de treinamento com auxílio de profissional específico.

Dica

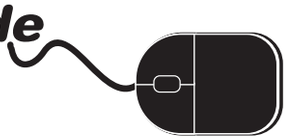
Vale destacar que algumas dicas de oratória talvez possa auxiliar na aquisição de características para o bom desempenho como coordenador de grupo. Sobre isto veja nos site indicados abaixo:

http://www.acaciogarcia.com.br/artigos/dez-dicas-tecnicas-oratoria-para-voce-falar-bem-em-publico/, acesso em 15 de outubro de 2014.

http://www.clubedafala.com.br/oratoria/tecnicas-e-regras-de-oratoria/, acesso em 15 de outubro de 2014.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 48 02/06/2015 11:58:41

Atividade



1. Explique qual a importância do coordenador para o desenvolvimento das tarefas desempenhadas pelo grupo.

2. Descreva como o coordenador deve se relacionar diante do grupo a fim de facilitar o processo de investimentos em mudanças necessárias.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 49 02/06/2015 11:58:41

Aula 7 - Atributos de um coordenador de grupo

Nesta aula 7,serão apresentados os atributos desejáveis de um coordenador e os recursos internos que possui ou poderá desenvolver para ser um bom coordenador.

Mas, verá que não é fácil abdicar de suas questões subjetivas para deixar emergir as questões dos sujeitos tratadas no grupo o qual coordenará.

7.1 O bom coordenador

Creio que já entendemos sobre quem é o coordenador de grupos e sua importância para o grupo, mas, então, de onde vem os recursos ou atributos para coordenar um grupo?

Segundo Gayotto (2003, p. 123), "todo coordenador busca, nele próprio, recursos internos básicos para colocar-se, por meio de sua subjetividade, à disposição das demandas de um grupo!". São estes recursos que tem dentro de si que contribuíram para o processo de estabelecimento de vínculo e mudanças necessárias para o desenvolvimento de cada participante do grupo.

Algumas características presentes no bom coordenador de grupos podem, certamente, serem aperfeiçoadas através de cursos como de oratória, que melhoram a capacidade de comunicar-se, ou aprender sobre o uso de técnicas que facilitam alcançar os objetivos propostos. No entanto, como concordam Gayotto (2003) e Zimerman & Osório (1997), os principais atributos são aqueles que foram adquiridos através das experiências e convívio com outros grupos ao longo da trajetória de vida.



Figura 12: Gostar de estar em grupo

Fonte: http://mariadesdobrandopsicologia.blogspot.com.br/2010/07/dinamismo-tema-5-formando-grupos-ou.html, acesso em 14 de outubro de 2014

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 50 02/06/2015 11:58:42

Deste modo, destacamos os atributos apresentados por Zimerman & Osório (1997) como ideais para o coordenador de grupo.

BOX 12

Atributos desejáveis do coordenador de grupo

- **Gostar e acreditar em grupos**: importante sobre tudo pelo fato de evitar desgaste pessoal e prejuízo na tarefa, no entanto, "o fato de gostar de trabalhar com grupos de modo algum exclui o fato de vir a sentir transitórias ansiedades, cansaço, descrença, etc" (ZIMERMAN & OSÓRIO, 1997, p.42).
- **Amor às verdades:** facilita o caminho de identificação e discernimento das verdades, falsidades e mentiras que ocorrem nos campos grupais.
- Coerência
- Senso de ética
- Respeito
- Paciência
- Continente
- Capacidade negativa
- Função de ego auxiliar
- Função de pensar
- Discriminação
- Comunicação
- Traços caractereológicos
- Modelo de identificação
- Empatia
- Síntese e integração

Fonte: ZIMERMAN, David E. ; OSORIO, Luiz Carlos e colaboradores. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 51 02/06/2015 11:58:42

Estes autores ressaltam que, de um modo geral, "o que importa destacar é o fato de que o modelo das lideranças é o maior responsável pelos valores e características de um grupo, seja ele de que tipo for" (ZIMERMAN & OSÓRIO, 1997, p.47).

Assim, como vimos, a postura do coordenador representa indícios de suma importância para a representatividade do coordenador perante o grupo e para o fortalecimento dos vínculos que garantiram os objetivos propostos.

Segundo Gayotto (2003) quando construímos a função de acolhimento alguns aspectos devem ser destacados:emprestamos nossa subjetividade para o grupo; é preciso que tenha claro seu papel e se coloque a serviço do grupo; plasticidade e negociação entre as necessidades de cada um e a articulação de todos, para produzirem em conjunto, evoluindo da individualidade.

Resumo

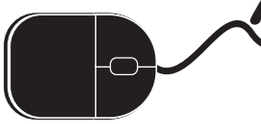
Nesta Aula 7, você estudou sobre:

- O papel do coordenador de grupos;
- Atributos que são desejáveis em um coordenador;
- Como se constrói a função de acolhimento em um grupo



Para saber mais

Destacamos aqui o filme *Invictus* (2010) que narra à história de Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, como um rico exemplo da figura de um líder na condução de um grupo. Mandela, representado pelo ator Morgan Freeman, guia de maneira magistral seus subordinados, garantindo respeito e empatia diante de todos que com ele conviviam.



Atividade

1. Enumere algumas características que você julga possuir para desempenhar o papel de coordenador de um grupoterapêutico.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 52 02/06/2015 11:58:42

Aula 8 -Liderança

Nesta Aula 8, chamaremos atenção para os aspectos relacionados à liderança instaurada no grupo.

Entendemos que este é um tema muito importante para aqueles que pretendem ingressar na tarefa de coordenar grupos, pois deverá ter claro sobre como se torna um líder e quais aspectos estão relacionados à figura do líder.

Introduziremos reportando a obra de Freud e como este psicanalista trata do grupo a partir do parâmetro do papel do líder. Principalmente o modelo do Exército e da Igreja.

8.1 De qual líder estamos nos referindo?

Freud (1921) compara os fenômenos dos sonhos e da hipnose relacionados ao processo que é despertado pelo grupo na constituição de um líder. Mais adiante, baseado na obra de Le Bon, diz ainda que "um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor" (FREUD, 1921).

Aborda isto, no sentido de entender que um grupo segue o que é ditado pelo líder, sem nem mesmo questioná-lo, por subserviência. O mais interessante, e que requer uma reflexão, é o fato do grupo não conseguir existir e se manter, sem a figura de um líder.

Freud (1921) discorre que "uma Igreja e um Exército são grupos artificiais, isto é,certa força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura" Nestes grupos, figuras de lideres (o Cristo e o Comandante-chefe) representam o ícone que unem o grupo e os mantém em harmonia de funcionamento.

Mais recentemente, teóricos apresentam uma classificação de liderança que pensamos ser útil para a compreensão do papel de coordenador de grupos.

Segundo Minicucci (1995) a liderança é exercida tanto no nível da tarefa quanto no nível sociemocional de um grupo. Além disto, admite-se através do controle e da participação a ocorrência de quatro estilos de liderança. São elas: a) diretiva ou autoritária; b) de apoio; c) participativa; e d) orientada para a realização.

Nestes subtipos, Minicucci (1995) destaca que talvez o mais relevante seja a capacidade que o líder tenha de mudar para adaptar-se e adequar a cada situação em que se estabeleça com seu subordinado.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 53 02/06/2015 11:58:42

No primeiro estilo, o líder autoritário exerce seu poder mediante decisões tomadas sem consulta aos participantes, de modo a privilegiar seus interesses em detrimento aos de outrem.

Na liderança de apoio, "o líder mostra interesse e amizade, preocupa-se verdadeiramente com os liderados e procura aproximar-se de todos" (MINICUCCI, 1995, p.131).

Na liderança participativa, por outro lado, "o líder dialoga com os liderados, solicitando e usando suas sugestões, mas é ele quem toma as decisões finais" (MINICUCCI, 1995, p.131).

A liderança orientada para a realização foca no líder como aquele que estabelece desafios pautados em seus objetivos, e além disso demonstra confiança nos recursos que possui para alcançar bons resultados (MINICUCCI, 1995, p.131).

8.2 Líder: como atingir intervenções eficientes

Como conseguir uma intervenção eficiente e isenta de conteúdos do coordenador? Veja o quadro seguinte que apresenta um esquema de como deve ser a intervenção do coordenador de grupos.

Quadro 01

Capacidade de discriminar-se
+
Capacidade de leitura das relações grupais
=
Intervenção eficiente

Fonte: baseado em GAYOTTO, Maria Leonor Cunha (org.). Liderança II: aprenda a coordenar grupos. 2.ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

Gayotto (2001, p.138) afirma que "levamos o que somos para o grupo, mas o que somos deve estar marcado por *contraste* forte, só assim seremos capazes de intervir naquilo que não nos pertence". Diante disto, a autora expõe que o coordenador de grupos somente alcançará uma intervenção eficiente se conseguir exercer a capacidade de discriminar-se e simultaneamente,discriminar o que pertence ao grupo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 54 02/06/2015 11:58:42

De qual lugar fala o coordenador? “Se puder conter suas necessidades e priorizar as do grupo, conseguirá transitar discretamente por um espaço que pertence aos integrantes e no qual operará sempre que as intervenções se fizerem necessárias” (GAYOTTO, 2001, p.136).



Figura 13: Grupo de soldados do exército chinês

Fonte: soldados chineses. Disponível emhttp://www.epochtimes.com.br/assassinato-recente-reabre-ferida-profunda-china/#.VD2xcmddVz4, acesso em 14 de outubro de 2014.

Vejamos no Box seguinte como Gayotto (1996) tece uma articulação entre a relação de liderança e desenvolvimento do grupo em prol do cumprimento de uma tarefa.

BOX 13

A liderança de um grupo não está obrigatoriamente nas mãos de um chefe.

Se cada um esperar que o outro faça as coisas por ele, vira a maior acomodação.

- Gente,por favor, preste atenção, é para o interesse de todos.

E com isso, a liderança vira dominação.

Uns mandando, outros obedecendo.

Todos, cada um com os seus limites, devem partilhar a liderança. Assim, dependendo do que o grupo quiser fazer, a liderança pode mudar.

- A gente agora vai por a placa.

- Então, agora nós vamos pintar.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 55 02/06/2015 11:58:42

Liderar é um direito de qualquer pessoa. Lidera quem não se cala, ou fica na preguiça, quando sente que pode fazer alguma coisa para o grupo, e para si.

A função da liderança é realizar a tarefa.

Fonte: GAYOTTO, Maria Leonor. Líder de mudança e grupo operativo. 2ª ed. Petrópolis /Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 38 a 39.

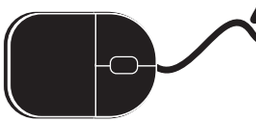
Resumo

Nesta aula 8, você aprendeu sobre:

- A liderança a partir da obra de Freud (1921)
- Os tipos de liderança;
- Como assumir a figura de líder enquanto coordenador de um grupo.



"O Monge e o executivo", de James C. Hunte,é um livro muito referenciado quando se fala de líder, sobretudo no contexto empresarial.



Atividade

Reflita sobre os tipos de lideranças apresentadas e posicione a favorável a uma delas, pensando nas relações de trabalho. Justifique sua posição.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 56 02/06/2015 11:58:42

Aula 9 - Algumas estratégias para o trabalho com grupos

Nesta aula 9, abordaremos sobre a Oficina de Dinâmica de Grupo como uma estratégia de trabalho, iniciando conceituando este tipo de intervenção e apresentando sua particularidades.

Veremos que a autora Lucia Afonso (2010) é destaque quando o assunto é trabalho com grupos com o uso de dinâmica de grupo.

Destacamos alguns temas que serão apresentados e contextualizados como forma de aborda-los em perspectiva grupal, como autoconhecimento, autoestima, tomada de decisão dentre outros.

9.1 Oficina de dinâmica de grupo

Discorreremos sobre a Oficina de Dinâmica de Grupo como método de intervenção psicossocial, como apresenta a autora e psicóloga Maria Lucia M. Afonso (2006). Conhecedora sobre a atuação de atividades grupais com fins terapêuticos: esta autora expõe que a "Oficina" usa informação e reflexão, mas se distingue de um projeto apenas pedagógico, porque trabalha também com os significados afetivos e as vivências relacionadas com o tema a ser discutido.

Com relação às dimensões e resultados alcançados com a Oficina de Dinâmica de Grupo, Afonso (2006) acrescenta ainda que:

> Como intervenção psicossocial, a Oficina tem uma dimensão ou potencialidade terapêutica, na medida em que facilita o insight e a elaboração sobre questões subjetivas, interpessoais e sociais. Também tem uma dimensão oupotencialidade pedagógica, na medida em que deslancha um processo de aprendizagem, a partir da reflexão sobre a experiência. Possibilita uma elaboração do conhecimento desenvolvido sobre o mundo e do sujeito no mundo, portanto, sobre si mesmo (AFONSO, 2006, p. 34).

Conforme Afonso (2006) deve ser compreendidas fases de realização de trabalho com grupos como composta em: 1) pré-análise (levantamento dos dados e aspectos importantes que permitam que o coordenador inteirar da problemática a ser discutida, numa análise psicossocial); 2) foco e enquadre (temas-geradores que tenham relação com o cotidiano do grupo, apresentadas com uma linguagem acessível, já o enquadre diz respeito ao número de participante e como são caracterizados); 3) planejamento flexível (o coordenador deve se preparar para a ação, estando ciente de que no acompanhamento do processo do grupo podem ser identificadas necessidade de mudanças no planejamento inicial).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 57 02/06/2015 11:58:42

Afonso (2006, p.37) esclarece que o número e duração de encontros dependem da proposta, mas afirma que seria interessante se cada encontro fosse estruturado em pelo menos três momentos básicos:

BOX 14

a. Um momento inicial: leva-se em torno de 10 minutos. Podem ser utilizadas atividades que possibilitem relaxamento ou aquecimento, de acordo com a demanda;

b. Um momento intermediário: atividades variadas que facilitem a reflexão e elaboração do tema trabalhado;

c. Um momento de sistematização e avaliação do trabalho do dia.

Fonte: AFONSO, Lucia. **Oficina de Dinâmica de grupo: uma intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Como exposto, percebemos que a Metodologia das Oficinas de Dinâmica de Gruposapresentada por Lucia Afonso (2006), como uma estratégia de intervenção psicossocial, adéqua a realidade encontrada nas instituições de saúde e psicossociais.

9.2 Como trabalhar autoconhecimento e autoestima

Segundo Caixeta (2009), a autoestima pode ser vista como uma avaliação que os indivíduos fazem de si mesmo. Neste sentido, pode ser classificada como alta ou baixa de acordo com o parâmetro adotado ou situação vivenciada.

A alta autoestima estaria associada à motivação, força de vontade e autoconfiança. Já, em sentido oposto, a baixa autoestima aproxima-se de um contexto de pouca ocorrência ou ausência de comportamentos desta natureza (CAIXETA, 2009).

Vejamos um exemplo de dinâmica que pode ser utilizada como recurso para se abordar o autoconhecimento:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 58 02/06/2015 11:58:42

BOX 15

Título	ADIVINHE QUEM SOU EU
Objetivos	Facilitar a apresentação entre as pessoas através de algum objeto pessoal. Proporcionar aos participantes conscientização de seu funcionamento através das fantasias de outras pessoas a seu respeito.
Código	Grupo
Material	Um pano ou uma manta para esconder os objetos.
Consignas	"Cada um escolhe um objeto que esteja consigo (na bolsa, no bolso, na pasta), que lhe represente, e coloca-o, sem que ninguém veja, embaixo do pano que está estendido no centro do grupo." Depois que todos colocarem o objeto, tira-se o pano. "Agora, cada um escolhe um objeto que não é o seu e fala sobre quais fantasias tem a respeito de quem acha que é o dono do objeto."
Variação	Numa caixa com vários objetos inusitados, cada participante escolhe um para representá-lo. Segue igual ao explicado acima.
Observação	Ao final, cada participante é estimulado a comparar as fantasias da pessoa que o definiu através do seu objeto e a sua própria motivação para escolhê-lo.
Pergunta	- Como fazer para que os outros não vejam o que cada um está colocando embaixo do pano? - Enrolar o objeto em um casaco e colocar em baixo do pano; pedir que todos fechem os olhos quando cada participante colocar seu objeto, entre outras formas.

Fonte: ROSSET, Solange Maria. 123técnicas de psicoterapia relacional sistêmica. 4.ed. Curitiba: Editora Sol, 2010.

Para abordar sobre autoestima e expressividade emocional com os participantes de um grupopode-se utilizar de recursos como a dinâmica exposta no Box seguinte:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 59 02/06/2015 11:58:42

BOX 16

Título	19 HISTÓRIA COM RECORTES
Objetivos	Proporcionar ao cliente, de forma simbólica, uma visão de sua história de vida, para ampliar seus pontos de vista. Definir objetivos da terapia e aprendizagens necessárias.
Código	I C F G
Material	Caixa contendo recortes variados, cartolina e cola.
Consigna	"Escolha vários recortes e monte a sua história de vida."
Variação	Pode-se pedir que o cliente arranje as figuras de forma a mostrar como gostaria que sua vida tivesse sido ou então o que quer que seja diferente desse momento para frente.
Observação	No trabalho verbal, pode-se explorar em cada situação: como ocorreu, como gostaria que tivesse sido, o que acha que poderia ter feito diferente na ocasião, como desencadeou determinados fatos.
Pergunta	- Como usar essa técnica nas diferentes situações? - Com casais, pode-se utilizar a técnica de duas formas: cada membro do casal faz a história do casal e depois se compara e conversa sobre o que foi feito ou o casal em conjunto faz uma história única. Com família, é solicitado que todos juntos façam uma história única ou cada um faz a sua e compartilham, fazendo ou não a da família. Com grupos, solicita-se que cada participante faça a sua.

Fonte: ROSSET, Solange Maria. 123 técnicas de psicoterapia relacional sistêmica. 4.ed. Curitiba: Editora Sol, 2010.

Dica Ouça a música Autoestima, de Lulu Santos. Ela vai lhe permitir refletir sobre os conceitos e intervenções aqui expostos. Além disto, você poderá utilizá-la como recurso quando coordenar grupos.

9.3 Como trabalhar tomada de decisão, cooperação e feedback

Observe a dinâmica apresentada no Box seguinte. Ela favorece uma reflexão a respeito de situações difíceis e como o grupo deve se portar para entrar em consenso e alcançar um objetivo comum.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 60 02/06/2015 11:58:42

BOX 17

EXERCÍCIO DE CONSENSO(Historia de Marlene)

Objetivos: – Treinar a decisão por consenso.

– Desenvolver nos participantes a capacidade de participação, numa discussão de grupo. Tamanho: 30 Tempo: 40 minutos.

Material: uma cópia da história de Marlene para cada membro e lápis ou caneta.

Descrição:

1. Cada um receberá uma cópia da história de Marlene para uma decisão individual, levando para isso uns cinco minutos;

2. Organizam-se os subgrupos de cinco a sete membros cada para a decisão grupal;

3. O coordenador distribui a cada subgrupo uma folha da história de Marlene, para nela ser lançada a ordem preferencial do grupo;

4. Nos subgrupos cada integrante procurará defender seu ponto de vista, argumentando com as razões que o levaram a estabelecer a ordem de preferência da sua decisão individual.

5. Terminada a tarefa grupal, organiza-se o plenário.

O exercício seguinte é um treinamento de consenso. A conclusão unânime é praticamente impossível de se conseguir. É preciso, pois, que os participantes tomem a consideração, a subjetividade de cada qual, para que se torne possível uma decisão.

Modo de proceder:

O texto seguinte narra a história da jovem Marlene. Cinco personagens entram em cena. Cabe a você estabelecer uma ordem de preferência ou de simpatia para com estes cinco personagens. Numa primeira fase, cada qual indicará o seu grau de simpatia para com cada um dos personagens, colocando-os em ordem de um a cinco, atribuindo o número um ao mais simpático seguindo até o cinco. Em seguida cada um dará as razões que o levaram a estabelecer esta preferência, e com a ajuda dessas informações, procede-se a nova ordem que, então, estabelece a ordem de preferência do grupo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 61 02/06/2015 11:58:42

Eis a história de Marlene:

Cinco personagens fazem o elenco; Marlene, um barqueiro, um eremita, Pedro e Paulo. Marlene, Pedro e Paulo são amigos desde a infância. Conhecem-se há muito tempo. Paulo já quis casar com ela, mas recusou, alegando estar namorando Pedro. Certo dia, Marlene decide visitar Pedro, que morava no outro lado do rio. Chegando ao rio, Marlene solicita a um barqueiro que a transporte para o outro lado. O barqueiro, porém, explica a Marlene ser este trabalho seu único ganha-pão, e pede-lhe certa soma de dinheiro, importância de que Marlene não dispunha. Ela explica ao barqueiro o seu grande desejo de visitarPedro, insistindo em que a transporte para o outro lado. Porfim o barqueiro aceita, com a condição de receber em troca um manto que usava. Marlene hesita e resolve ir consultar um eremita que morava perto. Conta-lhe a história, o seu grande desejo de ver Pedro e o pedido do barqueiro, solicitando, no final, um conselho. Respondeu: "Compreendo a situação, mas não posso, na atual circunstancia, dar-lhe nenhum tipo de conselho. Se quiser, podemos dialogar a respeito, ficando a decisão final por sua conta".

Marlene retorna ao riacho e decide aceitar a última proposta do barqueiro. Atravessa o rio e vai visitar Pedro, onde passa três dias bem felizes. Na manhã do quarto dia, Pedro recebe um telegrama. Era a oferta de um emprego muito bem remunerado no exterior, coisa que há muito tempo aguardava. Comunica imediatamente a notícia a Marlene, e na mesma hora a abandona.

Marlene cai numa tristeza profunda e resolve dar um passeio, encontrando-se com Paulo a quem conta a razão de sua tristeza. Paulo compadece-se dela, e procura consolá-la. Depois de certo tempo, Marlene diz a Paulo: "Sabe que tempos atrás você me pediu em casamento, e eu recusei, porque não o amava bastante, mas hoje penso amá-lo suficientemente para casar com você".

Paulo retrucou: "É tarde demais; não estou interessado em tomar os restos de outro".

Fonte: http://www.idagospel.com/2010/11/aprenda-dinamica-na-ida-gospel.html

---

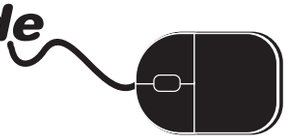
Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 62 02/06/2015 11:58:42

Resumo

Nesta Aula 9, você pode aprimorar seus conhecimentos sobre:

- A oficina de dinâmica de grupos
- Temas como autoestima, autoconhecimento e tomada de decisão;
- Algumas dinâmicas de grupo de acordo com os temas expostos.

Atividade



Vamos ver se já conseguimos propor uma atividade de grupo?

Pensando em um grupo de meninas entre 14 e 18, que são atendidas em certo serviço de ESF (Estratégia de Saúde da Família) para realização de pré-natal, você seria capaz de propor uma atividade de grupo para ser realizada com estas adolescentes? Explique.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 63 02/06/2015 11:58:42

Aula 10 - A mudança no processo grupal

Nesta Aula 10, você irá dar um passo significativo, pois aprenderá sobre o processo de mudança.

Até aqui, você já tem conhecimento suficiente para planejar e executar um trabalho com grupos. No entanto, conhecer sobre a mudança irá contribuir para seu investimento no trabalho com grupos.

10.1 A mudança no grupo

Algumas mudanças têm sido visíveis e intensificadas na Transição do Milênio. Dentre elas:a família, crise de identidade, valores humanísticos, a Globalização, Neoliberalismo, dentre outros (ZIMERMAN, 2000, p. 21- 28).

Nossas experiências nos grupos com certeza também sofreram mudanças. Falamos isto, considerando que as relações grupais, na família, com vizinhos, colegas de trabalho, de igreja e na comunidade de modo geral são pautadas em novos modelos de relacionamento. Provavelmente, os valores que regiam os grupos de outrora não são mais os mesmos do tempo de nossos pais e avós.

Por conseguinte, tendo em vista que nossas experiências e vivências em grupos refletem significativamente nas atitudes que tomamos diante das dificuldades que nos são apresentadas.

Por isto, os sentimentos e emoções despertadas em vivências grupais, na igreja, com amigos, familiares, na escola, trabalho ou time de futebol, devem ser levados em conta quando abordamos sobre como enfrentamos as mudanças em nossas vidas e o que possibilita encarar novas situações.

Outro ponto importante, como aponta Gayotto (2001, p.13), refere-se a uma mobilização interna que se contrasta entre um mundo interno e também um mundo externo. A autora cita ainda que: "À medida que o mundo ao nosso redor se movimenta, ele gera mudanças em nosso interior e faz mudar a visão que temos de nós, dos outros e do ambiente em que vivemos. (...) O processo de mudança afeta a todos e impacta nas relações dos grupos".

O que vai mudar é como encaramos estas mudanças. Crise ou oportunidade? Cabe a cada um adaptar-se à realidade que lhe esteja enfrentando e enxergar as alternativas possíveis para mudar.

Vejamos o texto a seguir que exemplifica como a mudança pode ser encarada a partir de fatos simples. É um convite a você, cursista: _ Mude!

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 64 02/06/2015 11:58:43

BOX 18

MUDANÇA

- Sente-se em outra cadeira, no outro lado da mesa. Mais tarde, mude de mesa. Quando sair, procure andar pelo outro lado da rua. Depois, mude de caminho, ande por outras ruas, calmamente, observando com atenção os lugares por onde você passa. Tome outros ônibus. Mude por uns tempos o estilo das roupas. Dê os seus sapatos velhos. Procure andar descalço alguns dias. Tire uma tarde inteira para passear livremente na praia, ou no parque, e ouvir o canto dos passarinhos.

- Veja o mundo de outras perspectivas. Abra e feche as gavetas e portas com a mão esquerda. Durma no outro lado da cama... Depois, procure dormir em outras camas. Assista a outros programas de TV, compre outros jornais... leia outros livros.

- Viva outros romances. Não faça do hábito um estilo de vida. Ame a novidade. Durma mais tarde. Durma mais cedo.

- Aprenda uma palavra nova por dia numa outra língua. Corrija a postura. Coma um pouco menos, escolha comidas diferentes, novos temperos, novas cores, novas delícias. Tente o novo todo dia. O novo lado, o novo método, o novo sabor, o novo jeito, o novo prazer, o novo amor.

- A nova vida. Tente. Busque novos amigos. Tente novos amores. Faça novas relações.

- Almoce em outros locais, vá a outros restaurantes, tome outro tipo de bebida, compre pão em outra padaria. Almoce mais cedo, jante mais tarde ou vice-versa.

- Escolha outro mercado... outra marca de sabonete, outro creme dental... Tome banho em novos horários.

- Use canetas de outras cores. Vá passear em outros lugares.

- Ame muito, cada vez mais, de modos diferentes.

- Troque de bolsa, de carteira, de malas, troque de carro, compre novos óculos, escreva outras poesias.

- Jogue os velhos relógios, quebre delicadamente esses horrorosos despertadores.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 65 02/06/2015 11:58:43

- Abra conta em outro banco. Vá a outros cinemas, outros cabeleireiros, outros teatros, visite novos museus.
- Mude. Lembre-se de que a Vida é uma só. E pense seriamente em arrumar um outro emprego, uma nova ocupação, um trabalho mais light, mais prazeroso, mais digno, mais humano.
- Se você não encontrar razões para ser livre, invente-as. Seja criativo.
- E aproveite para fazer uma viagem despretensiosa, longa, se possível sem destino. Experimente coisas novas. Troque novamente. Mude, de novo. Experimente outra vez.
- Você certamente conhecerá coisas melhores e coisas piores do que as já conhecidas, mas não é isso o que importa.
- O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia. Só o que está morto não muda!
- Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!

***Texto de Clarice Lispector

Fonte: http://claricelispectorclarice.blogspot.com.br/, acesso em 13 de outubro de 2014

Além disto, "Se o grupo não esclarece o problema, ele pode esquecer a necessidade que é de todos. Daí cada um fica querendo resolver o seu problema. Ficam todos fofocando, fingindo que está tudo bem ou até brigando e acabam não fazendo o que é preciso" (GAYOTTO, 1996, p. 41).

A"quebra de paradigmas" se apresenta como um dos pontos fundamentais para enfrentar o processo de mudança. Todas as pessoas têm dificuldades em enfrentar mudanças, seja em seu estilo de viver, cuidados com a saúde, comportamentos, ciclo de amizades, a mudanças mais profundas. No entanto, algumas pessoas apresentam mais resistências quanto a estes aspectos do que outras.



Para saber mais

Indicamos o vídeo "Quem mexeu no meu queijo", baseado no livro com mesmo nome. Este vídeo contribui com uma reflexão sobre a importância da mudança para se alcançar novos objetivos e o quantoàs pessoas não se dão conta das mudanças que ocorrem em seu entorno e continuam agindo da mesma forma.

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=KbQAhQNFqXU, acesso em 13 de outubro de 2014.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 66 02/06/2015 11:58:43



Figura 14: Quem mexeu no meu queijo?

Fonte: http://suburbanodigital.blogspot.com.br/2014_03_01_archive.html, acesso em 14 de outubro de 2014.

Dica

Busque o vídeo motivacional "Filtro Solar" narrado por Pedro Bial que mostra como as mudanças são importantes para transformar sua vida. Vale a pena ver e refletir!

Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=szBeo65szcI, acesso em 13 de outubro de 2014.

Gayotto (1996) aborda sobre o processo de mudança focado no grupo operativo. A autora esclarece que "a transformação social dos grupos envolve mudanças ligadas: ao objetivo concreto a ser atingido, e isto implica alterações na estrutura e na dinâmica de alguns grupos; à postura ideológica (a maneira de pensar e de sentir) das pessoas que se unem"(GAYOTTO, 1996, p.71).

Vejamos no Box seguinte como Gayotto (1996) explicita uma situação em que se vê o desenvolvimento de um processo de mudança vivenciado pelo grupo:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 67 02/06/2015 11:58:43

BOX 19

Mesmo com todos querendo ganhar o jogo, aparecem ideias diferentes de como conseguir isto.

_Eu acho que a gente tem que jogar mais na defesa.

_ Não acho que tem que ir mais para frente.

_ É. Quem sabe seja melhor.

Logo, cada um muda coisas em si, no outro, no grupo e vice-versa.

_ Mané, eu acho que você deve correr mais quando pegar a bola.

_ É verdade, eu não tinha percebido isto.

Mudar não é fácil. Mas José com a ajuda do time começou a mudar o seu jeito de jogar.

_José, aquele passe que você fez foi ótimo.

_Ganhamos! Foi um jogão!

_José, você estava ótimo!

Isto acontece em qualquer grupo.

Cada participante é diferente do outro, mas todos querem chegar a um objetivo comum.

Mas todos os grupos enfrentam dificuldade.

Fonte: GAYOTTO, MARIA LEONOR (Coord.) Líder de mudança e grupo operativo, 2º. Edição. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p. 29-30.

Resumo

Nesta aula, você aprendeu:

- como a mudança é um aspecto de nossas vidas;
- sobre a presença de resistências;
- a mudança efetiva somente ocorre com a quebra de paradigmas.

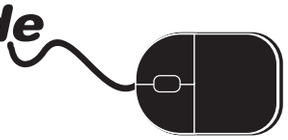
Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 68 02/06/2015 11:58:43



Dica

A música “Como uma onda”, de Lulu Santos e Nelson Mota, é um ótimo recurso para favorecer uma reflexão junto ao grupo sobre as mudanças que enfrentamos na vida cotidiana. Aproveite.

Atividade



Você é capaz de identificar algumas mudanças que podem ser feitas em sua vida para alcançar uma melhor qualidade de vida? Quais?

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 69 02/06/2015 11:58:43

Aula 11 – Planejamento e seleção grupal

Nesta Aula 11, você irá aprender sobre como planejar um grupo, estabelecendo deste o contrato e a seleção do grupo até outros itens importantes para garantir a efetividade do trabalho e buscar prever o comportamento dos participantes quanto à participação e objetivos almejados.

Inicialmente, entenderá como se compõe um grupo de terapia e em seguida quais são as etapas que compõem um planejamento efetivo, do primeiro ao último encontro a serem realizados.

11.1 A composição de grupos de terapia

Segundo Yallon (2006, p.209, grifo do autor), "os princípios de composição do grupo são relevantes em todas as formas de grupos de terapia, mesmo nos mais estruturados e aparentemente homogêneos".

Destacamos sobre esta importância entendendo que estes princípios ajudam o coordenador do grupo a compreender melhor o processo de cada membro participante do grupo e guiar as intervenções para satisfazer as demandas emergentes.

Além disto, sugerimos que, através da triagem, é possível, em certo grau, tentar prever o comportamento dos indivíduos no grupoterapêutico. Assim sendo, "os grupos homogêneos se unem mais rapidamente, se tornam mais coesos, proporcionam mais apoio imediato aos membros do grupo, são mais bem atendidos, têm menos conflitos e proporcionam mais alívio mais rápido dos sintomas" (YALLOW, 2006, p.219).

Por outro lado, o grupo heterogêneo "têm uma tendência de permanecer a níveis superficiais e é um meio efetivo para alterar a estrutura do caráter" (YALLOW, 2006, p.219). É o tipo de grupo em que se diversificam as demandas, o tipo de participantes, pois a falta de uniformidade não é vista como danosa para se alcançar os resultados esperados pelo coordenador do grupo.

O grupo também pode ser classificado em aberto e fechado, pois assim é designado pelo coordenador já antes de iniciarem as atividades. Para Yalow (2006, p.228), "um grupo fechado não aceita membros novos, exceto nas duas ou três primeiras sessões, e reúne-se por um período predeterminado de tempo". A maioria dos grupos deste tipo é fundamentado na teoria de psicoterapia breve e suas reuniões ocorrem semanalmente por seis meses ou menos.

Em comparação, "o grupo aberto mantém um tamanho consistente, substituindo membros que saem do grupo (...) muitos grupos abertos continuam a se reunir indefinidamente, mesmo que, em alguns anos, possa haver uma mudança completa dos membros e até do líder" (YALOW, 2006, p.228).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 70 02/06/2015 11:58:43

11.2 Previsão do comportamento no grupo

Diferente da prática clínica individual, nas intervenções grupais: "a maioria dos pacientes que buscam tratamento tem um repertório mais amplo de comportamentos, sendo bem menos previsível seu comportamento fundamental no grupo" (YALLOW, 2006, p.210). Por conseguinte, Yallow (2006, p.210-219) apresenta alguns procedimentos são usados para prever o comportamento no grupo, são eles:

BOX 20

a. Entrevista diagnóstica padronizada: "método mais comum de triagem de pacientes para grupos é a entrevista individual padronizada" (YALLOW, 2006, p.210);

b. Testagem psicológica padronizada;

c. Procedimentos diagnósticos especializados;

d. Amostragem direta de comportamentos relevantes para o grupo;

e. A entrevista interpessoal de admissão.

Fonte: YALLOM, Irvin D. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. 5.ed. Porto Alegre, Artmed, 2006, p. 210.

Temos em vista que o mais importante é que "quanto mais o procedimento de admissão se assemelhar à situação real do grupo, mais correta será a previsão do comportamento do paciente" (YALLOW, 2006, p.218).

Neste sentido, o uso de algum recurso que permita a observação do comportamento dos prováveis participante em uma situação em que possam se expressar em um grupo pode ser tido como aquele que possibilita perceber como o indivíduo se depara em situações semelhantes de relações interpessoais.

11.3 Planejamento (Quem? Como? Onde? Para quê?)

Como vimos, a etapa do planejamento do grupo é de extrema importância para se alcançar os objetivos pretendidos como o grupo. Falamos isto, no sentido de que: "é necessário um rigorismo na seleção favorece o trabalho a

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 71 02/06/2015 11:58:43

ser executado contando com: Indicações e contraindicações, bem como evitar a participação pobre ou abandono prematuro; composição inadequada e desconforto contra-transferencial" (ZIMERMAN, 1997, p.33).

Neste sentido, devemos levar em conta o local, o tempo, tamanho e preparação para garantir um bom planejamento do grupo e que atenda às demandas específicas de cada um. No caso da escolha do local, Yalow (2006, p.227) afirma que "qualquer sala que proporcione privacidade e seja livre de distrações".

Outra questão importante diz respeito à duração e frequência das reuniões que podem ocorrer entre uma e cinco vezes por semana. "Alguns terapeutas reúnem-se duas vezes por semana por duas ou três semanas no começo de um grupo de tempo limitado para aumentar a intensidade e encaminhar o grupo de forma mais ativa" (YALOW, 2006, p. 228).

Quanto às técnicas empregadas ressaltamos que são muito distintas e variáveis, sobretudo com a finalidade para a qual determinado grupo foi criado. Para cada demanda vai ser necessário um planejamento, pois a escolha por uma técnica ou outra, de acordo com as particularidade e possibilidades do grupo (ZIMERMAN e OSORIO, 2007).

Destacamos então a importância de se levar em conta alguns requisitos para ter um planejamento efetivo, são eles:

BOX 21

Logística: conjunto de conhecimentos e equipamentos e um lastro de experiência que servem de suporte para o planejamento de uma ação.

Estratégia: designa um estudo detalhado de como utilizar a logística para atingir e alcançar um êxito operativo na finalidade planejada.

Tática: variadas formas de abordagem existentes, de acordo com as circunstâncias da operação em curso e com o estilo peculiar de cada coordenador, embora a técnica permaneça essencialmente a mesma.

Técnica: conjunto de procedimento e de regras, de aplicabilidade prática.

Fonte: ZIMERMAN, David E. ; OSORIO, Luiz Carlos e colaboradores. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 72 02/06/2015 11:58:43

Serrão e Balieiro (1999) apresentam uma descrição de forma esquemática de como pode ser construído um planejamento para se trabalhar em grupo. Vejamos no Box seguinte:

BOX 22

1ª ETAPA – Diagnóstico: Quem é grupo a ser trabalhado?

- De quantas pessoas o grupo se compõe.
- De onde vêm.
- Que idade têm.
- Qual o sexo.
- Qual a escolaridade.
- Trabalham?Em que?
- Que necessidades do grupo são mais urgentes.

2ª ETAPA – Objetivos: O que se deseja alcançar?

- Onde queremos chegar.
- O que pretendemos com nossa intervenção.
- Que resultados almejamos.

3ª ETAPA – Meta: Quantos vamos atender e em que tempo?

- Quantas pessoas serão beneficiadas pelo trabalho.
- Quantos coordenadores serão envolvidos.
- Em que espaço de tempo o projeto será executado.

4ª ETAPA – Estratégia: Como fazer para alcançar os objetivos?

- Que passos o trabalho deve seguir.
- Qual a metodologia a ser utilizada nas atividades.
- Como será feita a divisão de papéis.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 73 02/06/2015 11:58:43

- Que responsabilidades caberão a cada um.
- Que temáticas respondem às necessidades diagnosticadas.
- Quais as atividades a serem vivenciadas a partir das temáticas priorizadas.

5ª ETAPA – Recursos: Quais os recursos de que dispomos?

- Que espaço será utilizado.
- Que materiais temos disponíveis
- Que recursos financeiros são necessários.
- Que pessoas serão envolvidas nas atividades.

6ª ETAPA – Cronograma: Qual o tempo disponível para o trabalho?

- Quantos meses.
- Quantos encontros.
- Quantas horas para cada encontro.
- Que temáticas serão desenvolvidas em cada encontro.

7ª ETAPA – Acompanhamento e avaliação: O que conseguimos? O que manter? O que modificar?

- De que formas avaliar o trabalho.
- Quando avaliar.
- Que objetivos foram alcançados.
- Quais as mudanças observadas nas pessoas envolvidas e no ambiente.
- Que modificações são necessárias.
- Que providências tomar para que essas modificações ocorram.

Fonte: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. Aprendendo a ser e a conviver. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999, p. 49-51.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 74 02/06/2015 11:58:43

11.3.1 Enquadre (setting)

Sobre o enquadre, inicialmente cabe destacar que este é caracterizado pela "soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o funcionamento grupal" (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.35).

Portanto, é o momento em que se deixa claro "as regras do jogo", portanto, resulta da "conjunção de regras, atitudes e combinações, como local das reuniões, horários, periodicidade, férias, honorários, número médio de participantes" (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.35).

11.3.2 Manejo das resistências

Outro aspecto que o coordenador não poderia deixar de lado diz respeito ao fato de "ter uma ideia clara da função que elas estão representando para um determinado momento da dinâmica do seu grupo" (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.36).

Para isto, é preciso: discriminar entre as resistências inconscientes e as que são bem-vindas ao campo grupal, as ansiedades emergentes e excessivos atrasos e faltas, decréscimo da leitura de textos, discussão morna, apatia; pois são indicativos de algum tipo de resistência do participante no grupo.

11.3.3 Manejo dos aspectos transferenciais

Além do manejo das resistências, é necessário frisar sobre a importância do manejo da transferência, já que "há transferência em tudo, mas nem tudo é transferência" (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.37).

Elas podem se manifestar como transferências cruzadas, tanto com relação ao coordenador quanto aos outros membros do grupo. Pode ser de quatro níveis: "de cada indivíduo para com os seus pares, de cada um em relação à figura central do coordenador de cada um para o grupo como totalidade, e do todo grupal em relação ao coordenador" (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.37).

11.3.4 Manejo de acting

A tendência ao *acting* ou "atuação", vem crescendo em virtude do seu uso como instrumento técnico, pois representa uma conduta que substitui sentimentos que de alguma forma ainda não foram identificados no plano consciente. Por outro lado, é fundamental reconhecer que eles podem ser benignos ou malignos.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 75 02/06/2015 11:58:43

No caso de serem benignos, manifestam-se através de conversas pré e pós -reuniões, encontros sociais entre os participantes, às acompanhados dos respectivos cônjuges. Já os malignos, são os de natureza psicopática (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p.37).

11.3.5 Comunicação

Sobre a comunicação, Zimerman e Osorio (1997, p.38) partem do pressuposto de que "o grupo é um excelente campo de observação de como são transmitidas e recebidas as mensagens verbais, como as possíveis distorções e reações por parte de todos".

Além disto, é importante destacar que a comunicação não é somente verbal. Outros mecanismos como gestos, tipo de roupa, maneirismos, somatizações, silêncios, choros, são significativos elementos da comunicação não-verbal.



Figura 15: Mecanismos da comunicação interpessoal

Fonte:Mecanismos da comunicação interpessoal. Disponível em:http://caeecol.wordpress.com/2014/09/14/eu-caca-dor-de-mim-sujeito-objeto/ acesso 05 de outubro de 2014

11.3.6 Atividade interpretativa

Outro quesito que Zimerman e Osório (1997, p.38) apresentam diz respeito à "atividade interpretativa". Segundo estes autores, o uso da expressão é escolhido por entender abrangência de recursos por parte do coordenador de um grupo, como: clareamentos, assinalamentos de paradoxos,confronto entre a realidade e o imaginário, abertura de novos vértices de percepção de uma determinada experiência emocional.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 76 02/06/2015 11:58:43

Assim, entende que a capacidade de interpretação não está pronta e acabada, sendo adequada a cada estilo do coordenador, bem como da demanda apresentada no contexto das relações grupais.

11.3.7 Funções do ego

Mais adiante, recorremos ao entendimento das funções do ego, no sentido de que esta é despertada pela instauração do campo grupal. Conforme Zimerman e Osório (1997, p.38), para isto os indivíduos utilizam a capacidade de percepção, pensamento, conhecimento, juízo critico, discriminação, comunicação.

11.3.8 Papéis

Outro fenômeno grupal destacado por Zimerman e Osório (1997, p.39) diz respeito ao desempenho de papéis por parte de cada um no grupo. Aborda esta temática por entender que o individuo também está executando esses mesmos papéis nas diversas áreas de sua vida, seja no âmbito familiar, profissional ou social.

11.3.9 Vínculos

Particularmente, um quesito que carece de explanação se refere aos vínculos, já que vai muito além das ligações vinculares entre as pessoas: do amor e do ódio, do conhecimento, do reconhecimento (ZIMERMAN e OSORIO, 1997, p. 39).

Portanto, o manejo e a compreensão dos vínculos despertados nos grupos configuram-se como um excelente recurso para a condução dos trabalhos com grupos, na abordagem de casais, famílias, grupos e instituições.



Figura 16: Vínculo estabelecido entre familiares

Fonte:Vínculo estabelecido entre familiares. Disponível em: http://derefamilia.wordpress.com/reflexiones/, acesso em 15 de outubro de 2014.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 77 02/06/2015 11:58:43

11.3.10 Término

Por fim, o ponto crucial diz respeito ao término do grupo, que pode ocorrer por dois motivos: pela finalização do grupo, seja pela dissolução, seja por uma combinação prévia; ou pelo encerramento por parte de uma pessoa, mesmo que o grupo continue (ZIMERMAN e OSÓRIO, 1997, p.39).

Zimerman e Osório (1997, p. 39) alertam ainda que saber terminar algo implica não somente no término das atividades do grupo, ou no fim deste, mas pode ser uma tarefa, um tratamento, um casamento, pois todos estes representam um significativo crescimento mental. Na figura 16, veja uma imagem que demonstra etapas enfrentadas no término de um relacionamento amoroso. Na verdade, uma ironia de como homens e mulheres enfrentam esta situação de maneira distinta com relação aos aspectos emocionais.



Figura 17: Fim de Relacionamento

Fonte: Fim de Relacionamento. Disponível em: http://www.bemnerd.com/2012/06/fim-do-relacionamento-para-um-gamer.html, acesso em 15 de outubro de 2014.

Portanto, o término do grupo deve ser planejado assim como o início das atividades do grupo. O coordenador do grupoterapêutico tem que ter esclarecido critérios de término e um manejo adequado para cada situação em particular que envolve as possibilidades do término.

Neste sentido, o término adequado do grupoterapêutico apoia-se em um referencial teórico e sustentação dos objetivos alcançados pelo grupo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 78 02/06/2015 11:58:43

Para finalizar um encontro, por exemplo, o coordenador de grupo pode recorrer a uma intervenção mais reflexiva ou relaxante que permita aos participantes despedirem-se mantendo uma serenidade para retomar às suas atividades cotidianas levando um bem-estar do encontro realizado.

Veja o Box seguinte um exemplo de dinâmica de relaxamento:

BOX 23

A respiração

Objetivo: tomar consciência da atividade respiratória

Grau de dificuldade: média

Idades: adolescentes e adultos

Dimensão do grupo: entre oito e 20 pessoas

Duração: 30 minutos, podendo ser reduzido de acordo com a demanda

Local: sala ou ginásio suficientemente grande, consoante o número de participantes

Material: pavimento de madeira ou alcatifado, ou então, com tapetes ou mantas

Desenvolvimento: o animador convida os participantes a deitarem-se no chão, de costas para baixo. Se alguém sentir dor de costas ou incomodado nessa posição, pode flectir ligeiramente as pernas, mantendo um bom contato com os pés com o pavimento, e produzem uma sensação de alívio naqueles que têm alguma patologia a fecharem os olhos e a colocarem as mãos sobre o ventre. Em seguida, dá algumas instruções:

Inspirar com o nariz (a maior quantidade possível de ar) e expirar com a boca (sem 'soprar' o ar com força, mas deixando-o sair simplesmente abrindo a garganta);

Orientar o ar para baixo, isto é, encher o ventre de ar e depois deixa-lo esvaziar-se, processo que pode ser facilitado com o auxílio das mãos apoiadas no ventre.

Depois de algumas respirações (mais ou menos dez) de tipo abdominal, o animador pede aos participantes que desloquem as mãos na direção da zona central do peito, mais precisamente sobre as costelas, e que executem as ins-

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 79 02/06/2015 11:58:44

truções anteriores, especificando para que sintam a respiração alta: os participantes deslocam as mãos na zona acima do peito e escutam a respiração nesta terceira zona. No final das três fases, convidam-se os participantes a deixarem cair os braços sobre o pavimento e a respirarem imaginando que ao inspirarem, estão a espalhar o ar pelo corpo todo (chegando até às mãos, aos pés, à cabeça) ao expirarem, estão a expelir a tensão. Depois, o animador pede aos participantes que abram os olhos e que se sentem lentamente. É importante que não se levantem bruscamente para evitarem tonturas.

Fonte: TARADEL, Laura. Nº57 A respiração. IN.83 **jogos psicológicos para dinâmica de grupos**: um manual para psicólogos, professores, animadores socioculturais. Lisboa, Portugal: Paulus, 2007.

Já sobre o final do grupo, Afonso (2010, p.48) alerta que é um processo de elaboração do luto e avaliação do processo grupal.

Assim, o coordenador deve ser capaz de "abrir espaço par a que o grupo perceba a sua gama de sentimentos e possa elaborar seus ganhos e perdas, seu processo de crescimento, o que foi incorporado, o que será transportado para outras vivências e contextos" (AFONSO, 2010, p.49).

Portanto, será realizado como o coordenador achar mais conveniente com tanto que atenda a necessidade de dar amarração necessária para o fim do grupo, reavaliando as vivências e intervenções, contextualizadas a situações vividas.

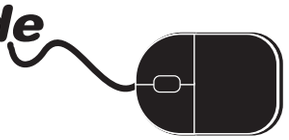
Resumo

Nesta aula você pode aprender sobre:

- Os aspectos que envolvem o planejamento e seleção de um grupo, portanto já tem conhecimento que lhe permitirá realizar um trabalho com grupos na unidade de saúde que venha a trabalhar. Fique atento para os objetivos pretendidos, poissão fundamentais para estruturar cada encontro, escolhendo a temática e recursos adequados para cada situação.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 80 02/06/2015 11:58:44

Atividade



Pensando na perspectiva de se saber terminar algo como importante processo de amadurecimento mental e psicológico, reflita sobre o modo como você tem lidado com este tipo de situação de um término de um relacionamento, de mudança de emprego, de abandono de uma etapa da vida.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 81 02/06/2015 11:58:44

Aula 12 – Avaliação do trabalho grupal

Nesta Aula 12, você aprenderá como realizar a avaliação do trabalho com o grupo, desde o momento inicial ao final.

Quando se inicia o grupo, é ideal saber o que os participantes esperam do trabalho a ser realizado. Por isto recomendamos fazer um levantamento das expectativas.

Neste mesmo sentido, quando se encerra as atividades com um grupo, em cada encontro e no final, também se recomenda avaliar se atenderam às expectativas iniciais.

Veremos que tem uma vastidão de recursos para realizar esta coleta de dados junto aos participantes.

12.1 Momentos do grupo

Como vimos no capítulo anterior, no processo de finalização de um grupo é necessário que o coordenador saiba administrar todas as etapas que compõem o trabalho, ou seja, desde o momento de planejar, montar o grupo até o saber terminar e concluir.

Deste modo, optamos por apresentar neste capítulo dois momentos importantes: 1º) o inicial, que se refere ao levantamento de expectativas e definição do contrato terapêutico; 2º) o encerramento, quando se mensura se os objetivos foram alcançados.

12.2 Levantamento de expectativas

Vale ressaltar que estaé uma etapa significa para se avaliar o que cada participante espera do grupo. Existem algumas dinâmicas que podem facilitar ao coordenador identificar estas expectativas, além da forma clichê de apenas perguntar diretamente.

No Box seguinte, apresentamos um exemplo de uma interessante dinâmica para realizar esta etapa inicial.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 82 02/06/2015 11:58:44

BOX 24

Levantamento de expectativas

Dinâmica: “Carta a si próprio”

Objetivo: Levantamento de expectativas individuais, compromissos consigo próprio, percepção de si, auto-conhecimento, sensibilização, reflexão, auto-motivação, absorção teórica.

Material: Envelope, sulfite, caneta.

Procedimento: 20’ Individualmente, cada treinando escrever uma carta a si próprio, como se estivesse escrevendo a seu (sua) melhor amigo (a). Dentre os assuntos, abordar: como se sente no momento, o que espera do evento (curso, seminário, etc.), como espera estar pessoal e profissionalmente daqui a 30 dias. Destinar o envelope a si próprio (nome e endereço completo para remessa). O Facilitador recolhe os envelopes endereçados, cola-os perante o grupo e, após 45 dias aproximadamente, remete ao treinando (via correio ou malote).

Fonte: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgGu8AF/100-dinamicas-grupo?part=4, acesso em 22 de outubro de 2014

Outro momento importante é o estabelecimento do contrato terapêutico. Devemos ter em vista que é através deste contrato que se definem os direitos e deveres do coordenador e demais membros do grupo. Portanto, devem ficar claros e definidos tudo o que necessita ser acordado. Este instrumento pode ser registrado por escrito ou simplesmente acordado de forma oral junto com o grupo.

Serrão e Baleeiro (1999) alertam que, na construção do vínculo afetivo entre os participantes da atividade de grupo, é necessário colocar limites. Por isto, o contrato deve conter os seguintes itens:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 83 02/06/2015 11:58:44

BOX 25

Contrato Terapêutico

- Todos têm o direito de expressar seus sentimentos e pensamentos;
- Todas as opiniões são válidas e merecem respeito – ninguém precisa impor o que pensa e sente ao outro;
- Tudo pode ser dito no grupo, desde que com respeito;
- As falas e os acontecimentos internos do grupo pertencem a seus participantes e não devem ser revelados a outras pessoas;
- Quando um participante do grupo estiver falando, os demais devem ouvi-lo com atenção;
- É preciso falar **para** e não **de** alguém;
- Os comentários dever ser relativos aos fatos e às ideias, e não às pessoas;
- A pontualidade e a frequência são condições essenciais para que o grupo perceba sua importância e desenvolva uma auto-estima grupal positiva.

Fonte: SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2ª. ed. São Paulo: FTD, 1999, p.31.

12.3 Feedback

Vamos citar dois recursos que podem ser utilizados para avalizar se os objetivos do grupo foram alcançados.

No primeiro, você pedirá a cada participante para criar duas colunas em um papel. Na primeira coluna, deverá registrar pontos positivos do grupo e, do outro lado, registram-se os pontos negativos do grupo. Esta atividade pode ser realizada ao final de cada encontro ou no encerramento do último encontro.

Um outro recurso que pode ser utilizado denominaremos “Folha de Gols”. Vejamos no **Para saber mais** seguinte:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 84 02/06/2015 11:58:44

Para saber mais

Folha de Gols

Registre aqui os "Gols" que realizou neste grupo. Considere como "Gol" tudo o que você acredita que conquistou.

_____
_____
_____
_____
_____

Fonte: desenvolvido pela autora

Você também pode solicitar que cada participante faça uma autoavaliação sobre si mesmo e sua participação no grupo. Algumas perguntas podem estruturar a autoavaliação, por exemplo: Como estou me sentindo no grupo? Como está minha relação com os demais? Que contribuição tenho dado para o crescimento do grupo? Que expectativas trago? Que qualidades preciso fortalecer em mim? Que desafios pretendo enfrentar? (SERRÃO e BALIEIRO, 1999, p. 54).

12.4 Reflexão

Optamos por reservar para o final dos encontros que realizamos com grupos alguma atividade que favoreça um momento de reflexão, seja com o uso de uma mensagem ou um vídeo interessante.

Por isto, apresentamos a "História da Carroça Vazia", por entender que esta é uma mensagem que irá conduzir o paciente para uma reflexão sobre os ruídos da comunicação interpessoal. Vejamos no Box seguinte.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 85 02/06/2015 11:58:44

BOX 26

História da Carroça Vazia

Certa manhã o meu pai, muito sábio, convidou-me a dar um passeio no bosque.

Deteve-se subitamente numa clareira e perguntou-me:

- Além dos pássaros, ouves mais alguma coisa?

Apurei os ouvidos e respondi:

Estou a ouvir o barulho de uma carroça.

- Isso mesmo, disse o meu pai, de uma carroça vazia.

Perguntei-lhe:

- Como sabe que está vazia, se ainda a não vimos?

- Ora, é fácil! Quanto mais vazia está a carroça, maior é o barulho que faz.

Cresci e hoje, já adulto, quando vejo uma pessoa a falar demais, aos gritos, tratando o próximo com absoluta falta de respeito, prepotente, interrompendo toda a gente, a querer demonstrar que só ele é dono da verdade, tenho a impressão de ouvir a voz do meu pai a dizer:

- Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz!

Fonte: http://sotaodaines.chrome.pt/sotao/histor93.html, acesso em 23 de outubro de 2014

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 86 02/06/2015 11:58:44

A "História da Carroça Vazia" representa os ruídos na comunicação. Vejamos a ilustração abaixo que apresenta os elementos da comunicação, dentre eles o **ruído**.

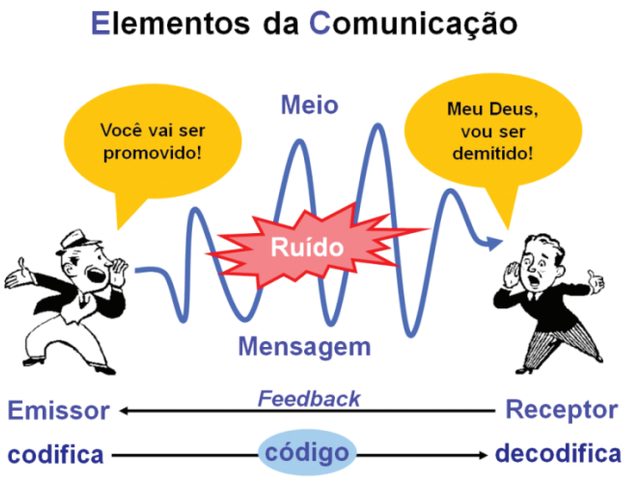


Figura18: Elementos da comunicação

Fonte: Ergonomia cognitiva. Disponível em: http://ergotriade.com.br/como-turbinar-a-aquisicao-de-informacoes-com-a-ergonomia-cognitiva/, acesso em 14 de outubro de 2014

Resumo

Nesta aula você estudou sobre como avaliar o trabalho final desenvolvido em um grupo. Foram disponibilizados recursos que permitem identificar como os participantes se envolveram nas atividades e o que o grupo contribuiu no processo de mudança.

Atividade

Leia o texto "História da Carroça Vazia" e busque articular com o seu contexto de trabalho e as relações interpessoais estabelecidas entre seus colegas e pacientes.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 87 02/06/2015 11:58:44

Aula 13 - Grupo de alcoólatras e dependentes químicos

A aula 13 dedicará um espaço privilegiado para debater sobre um tema de grande relevância para o trabalho com grupos: a dependência química.

Você aprenderá sobre o conceito e a importância do tratamento, bem como dos aspectos relevantes para a intervenção realizada em perspectiva grupal.

13.1 A importância do grupo no tratamento Dependência Química

Para iniciarmos a discussão sobre atividades de grupo em casos de dependência química, é preciso introduzir sobre o conceito deste termo. Sobre isto, Figlie, Melo e Payá (2004, p.3) definem dependência química como "uso sequencial, um *continuum,* no qual determinadas pessoa iniciam com o uso; progressivamente algumas destas passam para o abuso e, então um grupo menor torna-se dependente químico".

Para estes autores, o uso se refere ao consumo de substancias em caráter experimental, esporádico ou episódico. Já abuso ou uso nocivo é o consumo com prejuízo no que se refere a aspectos biológicos, psicológicos ou sociais. A dependência representa um consumo traz problemas mais sérios para o usuário, é um consumo sem controle (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004).

Diante da gravidade do quadro de dependência química, o grupo é muitas vezes uma alternativa de tratamento. Segundo, Figlie, Melo e Payá (2004, p.5) "o grupo passa, então, a ter a vantagem do compartilhamento de experiências, que facilitará uma melhor percepção do funcionamento da pessoa, através das possíveis interações ocorridas no contexto grupal".

Outro aspecto importante diz respeito à prevenção de recaídas que se refere à preparação do dependente químico para dar conta de ficar em abstinência, mesmo diante das dificuldades enfrentadas neste período de tratamento. Para Figlie, Melo e Payá (2004, p.5) "o grupo passa a assegurar um espaço mantenedor não só da abstinência, mas também como meio dos clientes elaborarem suas dificuldades pessoais e relacionais frente à manutenção das mesmas".

Deste modo, os participantes do grupo representam um para o outro a oportunidade de vivenciar novas reflexões e, consequentemente, transformação de sua realidade frente à mudança de comportamento.

Alguns tipos de abordagens grupais podem ser utilizados no tratamento da dependência química: a) grupo de autoajuda, b) grupo psicoterapêutico, c) grupos terapêuticos e d) grupo de famílias, dentre outros (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004).

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 88 02/06/2015 11:58:44

O grupo de autoajuda, como já abordamos na Aula 2, nasce do modelo dos AA's: "os grupos de autoajuda não se caracterizam como tratamento profissional especializado, não suprindo, dessa forma, necessidades médicas, psicológicas, psiquiátricas, entre outras", (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.6).

No grupo psicoterapêutico, o terapeuta de grupo tem um papel muito importante. Deste modo, "em grupo, o terapeuta funciona como um modelo de identificação, assim como os clientes podem servir como modelo, uns para os outros, em determinados aspectos, ressaltando as devidas diferenças entre eles." (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.7).

Os grupos terapêuticos são semelhantes aos grupos psicoterapêuticos. No entanto, se diferenciam pelo fato de que os primeiros são geralmente realizados por quaisquer profissionais de saúde, enquanto os psicoterapêuticos são priorizados por psicólogos e psicanalistas (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.8).

O grupo de família merece destaque pela relevância do papel destes no tratamento da dependência química. Conforme apresenta Figlie, Melo e Payá (2004, p.13), "a família vem recebendo cada vez mais espaço no tratamento de dependências, a relação marital também tem sido foco de interesse nesse campo".

13.2 Dinâmicas de grupo

O uso de dinâmicas de grupo no tratamento de dependentes químicos é favorecido por entender que são um recurso que: "são formas 'indiretas' de lidar com temas variados que envolvem questões interpessoais, intrapessoais, afetivas, até questões mais práticas e objetivas como treinamento ou aperfeiçoamento de habilidades, entre outras."(FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.21).

O recurso das dinâmicas de grupo podem ser utilizados atendendo a objetivos como: planejamento, no processo de mudança, na tomada de decisão, na integração das pessoas, flexibilidade, motivação, percepção, lidar com incertezas / ambiguidades e riscos (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.22-23).

Neste sentido, o papel do facilitador ou coordenador do grupo deve ser focado na resolução do problema e no tratamento dos participantes do grupo. Pois,

> Ao facilitador de grupo cabe esclarecer as situações, levar as pessoas a interiorizar seus problemas, provocar uma sincera reflexão e ainda criar um ambiente de compreensão e aceitação mutua. É importante utilizar as dinâmicas como 'ponte' para percepção de padrões de funcionamento nos aspectos reais da vida, especialmente no tratamento da dependência química, possibilitando a elaboração de recursos mais efetivos para lidar com o comportamento aditivo (FIGLIE, MELO e PAYÁ, 2004, p.24).

Portanto, vejamos algumas dinâmicas de grupo que podem ser utilizadas:

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 89 02/06/2015 11:58:44

BOX 27

Impactos da mídia sobre o beber / fumar

Objetivos

- Com material publicitário, propor uma discussão quanto à influência que as mídias exercem sobre o beber ou fumar, verificando como cada paciente reage e consegue lidar com tais estímulos.
- Possibilitar a discussão de como enfrentar o impacto da mídia sobre o comportamento de beber e fumar.

Numero de pessoas: até 12 participantes.

Tempo de duração: 5 minutos para explicações gerais: 20 minutos para confecção do painel; 35 minutos para exposição e discussão gerais.

Material necessário: revistas, jornais, cola, tesoura, lápis, canetas.

Procedimentos:

- Deixar no centro da sala os materiais selecionados para utilização na atividade.
- Dividir em subgrupos e solicitar que escolha, nesse material, propaganda de bebidas alcoólicas e cigarros em revistas, jornais e maços de cigarros.
- Pedir que montem um painel, por subgrupo, no qual estejam representados (por figuras, desenhos e escrita) os pontos que as propagandas reforçam.
- Solicitar que exponham os painéis e falem sobre o conteúdo.
- É interessante estimulá-los a falar de como se sentem diante das propagandas (o impacto que produziam quando usavam a substância e quando abstinentes).

Dica das autoras: não é interessante aplicar esta dinâmica em grupos recém-formados, grupos de abstinência recente ou que estejam pouco integrados, pois pode gerar fissura, ao mesmo tempo e em que se tem ainda uma estrutura pouco fortalecida para lidar com ela.

Fonte: FIGLIE,NelianaBuzi;MELO, Getúlio de; e PAYÁ, Roberta. Dinâmicas de grupo: aplicadas no tratamento da dependência química – manual teórico e prático. São Paulo: Roca, 2004, p. 105-106.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 90 02/06/2015 11:58:44



Dica

O filme “28 dias” apresenta uma história de uma mulher que é internada em uma clínica para tratamento após se envolver em um acidente de trânsito, pois estava embriagada. É um ótimo recurso para visualizar as etapas de tratamento, além disto, demonstra a relação estabelecida entre os pacientes e os familiares.

Resumo

Nesta aula apresentamos a você uma breve discussão sobre o tratamento com grupos de dependentes químicos. Destacamos alguns recursos uteis para estes trabalhos, principalmente o uso de dinâmicas de grupo.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 91 02/06/2015 11:58:44

Aula 14 - Grupo de familiares

Nesta Aula 14, você irá conhecer um pouco sobre o trabalho de grupos tendo a família como público.

Já vimos que a família é o primeiro grupo ao qual nos inserimos, portanto vai servir de parâmetro para as relações grupais estabelecidas, a partir de então.

Em muitos tipos de tratamento, a inserção da família será fundamental para que o paciente tenha uma boa adesão ao tratamento e alcance assim melhor prognóstico.

14.1 A família como grupo

É consenso entre os terapeutas que o grupo familiar tem significativo papel na constituição do psiquismo da criança, e, portanto, na formação da personalidade do adulto. Além disto, a família tem lugar de destaque nesta perspectiva, entendendo que a interação com este grupo irá determinar como o sujeito estabelecerá suas relações grupais e sociais com os inúmeros outros grupos que conviverá ao longo da vida (ZIMERMAN, 2010).

A influência do grupo familiar está depositada no papel da mãe, pai, irmãos, e outros inter-relacionamentos estabelecidos com as demais pessoas, como babás, avós, tios, dentre outros (ZIMERMAN, 2010, p. 41).

Vale destacar que na conjuntura das transformações do milênio, o significado e estrutura familiar vêm sofrendo significativas transformações quanto aos valores, normas e desempenho de papeis. No entanto, não se altera a relevância da família para a formação do sujeito.

Além disto, Zimerman (2010, p.42) destaca que:

> A família se constitui como um campo dinâmico, no qual agem tanto os fatores conscientes como os inconscientes, sendo que a criança, desde o nascimento, não apenas sofre passivamente a influência dos outros, como, reciprocamente, é também um poderoso agente ativo de modificações nos demais e na estrutura da totalidade da família.

Portanto, a boa estrutura da família no que diz respeito à necessidade de uma hierarquia no desempenho de papeis, lugares, posições e atribuições, representam condições básicas para manutenção de um clima de liberdade e respeito mútuo entre os membros (ZIMERMAN, 2010, p. 43).

Deste modo, cada membro familiar terá significativo papel na constituição da personalidade da criança, seja na figura da mãe que representa os primeiros

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 92 02/06/2015 11:58:44

cuidados relativos a uma "boa maternagem". No papel do pai que se configura na segurança e estabilidade, bem como dos outros membros que terão definidos seus pais relações grupais instauradas (ZIMERMAN, 2010).

Para Zimerman (2010, p.50), assim como para outros que fundamentam na teoria psicanalítica como um todo, a figura da mãe tem "função especular materna", pois a criança vê se refletiva e reconhecida no olhar da mãe. Deste modo, a mãe reflete tanto o que realmente a criança é assim como imagina ser, decorrentes do discurso da mãe em relação ao filho (ZIMERMAN, 2010, p. 50).

14.2 A terapia familiar



Figura 19: Obra "A família", de Tarsila de Amaral (1925).

Fonte: Tarsila de Amaral. Disponível em: http://galeriadefotos.universia.com.br/index.php/gallery/view/179/Obras-de-Tarsila-do-Amaral, acesso em 25 de outubro de 2014.

Diante desta destacada relevância da família para a estruturação da normalidade psíquica, surge a terapia familiar que dirige o olhar para os problemas das pessoas inseridas no contexto da vida familiar e cotidiana (RAVAZZOLA, BARILARI e MAZIERES, 1997, p.293).

Este tipo de terapia fundamenta as intervenções favorecendo que o tratamento siga envolvendo aqueles que compartilham da vida do paciente, incentivando que conversem entre si (RAVAZZOLA, BARILARI e MAZIERES, 1997, p.294).

Os terapeutas familiares convocam as famílias, não por responsabilizar a família como causa das anormalidades psíquicas e comportamentais. Mas, por esperar que os membrosda família, que representaram influência significativa

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 93 02/06/2015 11:58:44

até o momento da vida, tenham um efeito em promover condutas diferentes das que incomodam o paciente no momento em que busca apoio na terapia familiar (RAVAZZOLA, BARILARI e MAZIERES, 1997, p.295).

Como vimos na figura anterior, que apresenta a obra "A família", de Tarsila de Amaral (1925), todos os membros familiares estão inter-relacionados e exercem influências reciprocas uns nos outros.

Após compreender um pouco sobre as relações familiares, bem como da relevância da terapia familiar no contexto do trabalho com grupos, veremos agora algumas técnicas para desenvolver este tipo de intervenção.

Veja no Box seguinte

BOX 28

Título	**LEMBRANÇAS DO PASSADO**
Objetivos	Propiciar a circulação de sentimentos dentro da família.
Código	Família
Material	Caixa contendo recortes variados.
Consignas	"Cada um escolhe, dentro desta caixa, o número de figuras correspondente aos membros que formam sua família. Em seguida, usando uma figura para cada membro, relata um momento de felicidade que ocorreu entre si no passado." "Cada um fala sobre as figuras e os sentimentos."
Variações	Dependendo do que se está trabalhando, pode ser pedido um momento de mágoa, de intimidade, etc.
Observação	No trabalho verbal, o terapeuta questiona cada membro sobre o que percebeu acerca de seu padrão de comunicação, como cada um critica ou elogia o outro, o que considera situações fáceis ou difíceis e como lida com isso. Também é possível explorar como cada um acredita que receberia mais tranquilamente o feedback do outro.
Pergunta	- Qual o risco de virem à tona conflitos mais sérios das relações? - Todas as técnicas que trabalham com trocas podem facilitar que os conflitos sejam expressos; essa é uma das tarefas da terapia. Entretanto, se o terapeuta achar que não é hora para isso, deverá dar consignas mais delimitadas, que evitem os confrontos, ou não usar técnicas.

Fonte: ROSSET, Solange Maria. 123 técnicas de psicoterapia relacional sistêmica. 4.ed. Curitiba: Editora Sol, 2010.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 94 02/06/2015 11:58:44

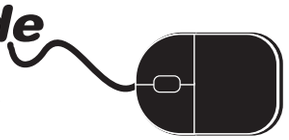
Os grupos de familiares por serem realizados em contextos variados, deste relacionados aos cuidados de saúde, contextos educacionais, de casais e por causa dos filhos.

Resumo

Nesta aula 14, você aprendeu sobre:

- A família enquanto grupo;
- Teoria que trata da terapia familiar;
- Alguns recursos para trabalhar com famílias.

Atividade



Reflita sobre as suas origens familiares e como os membros de sua família interagiram com você desde o nascimento.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 95 02/06/2015 11:58:44

Aula 15 - Grupo de Sexualidade

Até aqui, muito aprendemos sobre o trabalho com grupos e o uso de técnicas de intervenções a serem realizadas em contexto grupal.

Agora, finalizamos este caderno didático com a exposição sobre prática com grupos na área da sexualidade.

Entendemos que você precisará saber lidar com este tema, pois abrange grupos com adolescentes, casais, famílias diante de planejamento familiar, gestantes, grupos de pais, idosos, dentre outros contextos.

Neste sentido, deverá deixar de lado tabus e receios em lidar com o tema da sexualidade e aprofundar seus conhecimentos sobre todos os aspectos que o circundam. Claro que deverá, antes de tudo, respeitar suas limitações, preceitos religiosos e crenças.

Veja que interessante a Figura 20, como apresenta alguns termos que podem ser tratados com certa confusão:

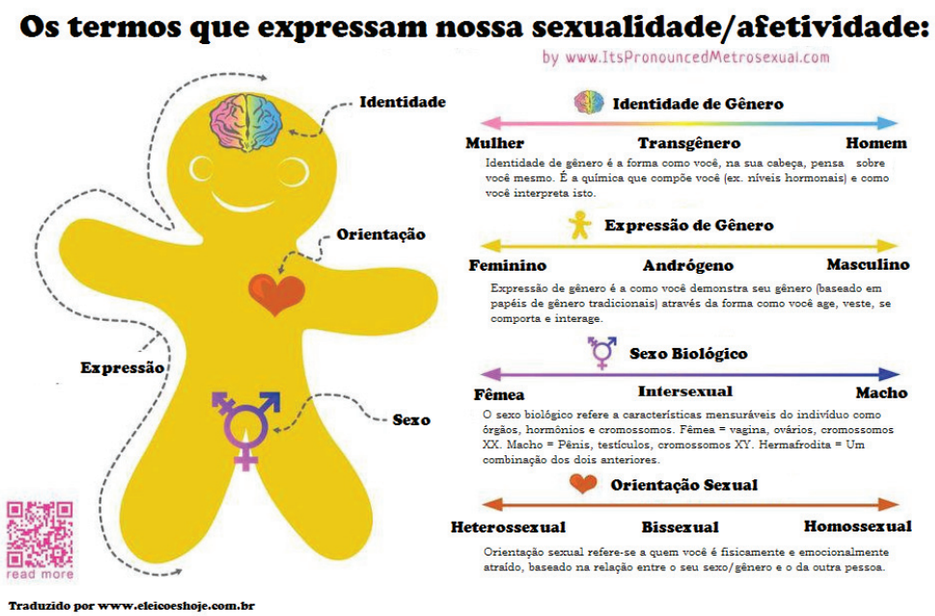


Figura 20: Os termos que expressam nossa sexualidade / afetividade

Fonte: Sexualidade. Disponível em:http://www.eleicoeshoje.com.br/wp-content/uploads/2012/02/Sexualidade.png, acesso em 27 de outubro de 2014

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 96 02/06/2015 11:58:44

15.1 O que é sexualidade

Para Serrão e Balieiro (1999, p.181) a discussão sobre sexualidade humana vai além dos aspectos biológicos, engloba aspectos da expressão da afetividade, emoções, sentimentos, atitudes, crenças e valores.

A partir da adolescência, percebe-se a sexualidade como uma transformação-genitalizada, pois são demarcadas as características distintivas de homem e mulher. Os desejos e desabrochar de novos sentimentos e sensações são despertados neste período (SERRÃO e BALIEIRO, 1999, p. 181),

Diante destas transformações, despertam todo o interesse em conhecer sobre os aspectos vivenciados. Portanto, a faixa etária que engloba a adolescência (12 a 18 anos) é quando os grupos que tratam sobre este tema terão mais aceitabilidade e participação.

No entanto, exatamente por isto, deve ser tratado como um tema de muita complexidade. Abordamos isto, no sentido de que requer que se preserve o respeito às diferenças, às diversidades,aos valores morais e às crenças.

Além disto, o coordenador de grupos deve estar atento a temáticas transversais como: prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, métodos contraceptivos, planejamento familiar, dentre outras.

15.2 Algumas técnicas uteis para trabalhar com sexualidade

Em primeiro lugar, destacamos o uso da "Caixa de Dúvidas" como um recurso possível para se abordar sobre sexualidade de forma a não expor os participantes e que estes tenham liberdade para fazer as perguntas relacionadas à sexualidade.



Figura 21: Caixa de dúvidas

Fonte:PIRES, Cristina do Valle G.; GANDRA, Fernanda Rodrigues; LIMA, Regina Célia. **O dia-a-dia do professor Adolescência afetividade, sexualidade e drogas**. 2º. Ed. Belo Horizonte: Editora FAPI, vol.01, p.74.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 97 02/06/2015 11:58:45

BOX 29

Caixa das dúvidas

Esta atividade consiste em sondar sobre seus principais questionamento a respeito do tema sexualidade.

Cabe ao coordenador proporcionar e estimular um ambiente que favoreça a desinibição, deixando os participantes bem à vontade para uma reflexão sobre as principais dúvidas a respeito do assunto.

Através de perguntas, os alunos podem expressar toda a sua curiosidade.

As perguntas deverão ser depositadas na "Caixa de dúvidas".

- Para esta atividade você necessitará de:

Caixa de sapato forrada com papel de presente, fantasia ou folhas de papel de revista colorida, com dizeres nas laterais "Caixa de dúvidas". Não se esqueça de fazer uma abertura na tampa da caixa para que as perguntas possam ser depositadas.

- Objetivo:

Este trabalho tem por objetivo identificar as principais indagações a respeito da sexualidade dos alunos para que possam ser discutidas ao longo do projeto.

- Avaliação:

Ao final, oriente uma discussão para identificar o que os alunos sentiram ao realizar a atividade.

Observação: os participantes poderão fazer tantas perguntas quanto desejarem, cabendo-lhes decidir se desejam identificar-se.

Fonte:PIRES, Cristina do Valle G.; GANDRA, Fernanda Rodrigues; LIMA, Regina Célia. O dia-a-dia do professor Adolescência afetividade, sexualidade e drogas. 2.ed. Belo Horizonte: Editora FAPI, Vol. 1, p.74.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 98 02/06/2015 11:58:45

Entendemos que discutir sobre sexualidade deve abranger um leque de possibilidades, não se esquecendo de abordar sobre faixas etárias e temas que são muitas vezes negligenciados. A sexualidade do idoso, por exemplo, como exposto na Figura 22, é um tema esquecido. No entanto, o coordenador de grupos deve estar atento para isto.



Figura 22: Sexualidade de idosos

Fonte: Sexualidade. Disponível emhttp://sessentaporhora.wordpress.com/idosos-e-sexualidade/, acesso em 27 de outubro de 2014.

Um recurso que poderá ser utilizado por você, enquanto coordenador de um grupo, pode ser a dinâmica apresentada no Box seguinte. Vejamos:

BOX 30

Como eu sou e como eu gostaria de ser

Objetivos:

- Comparação entre o que é ideal e o que é real, objetivando reconhecer a si e aos demais como pessoas com demandas sexuais específicas.
- Definir metas as serem buscadas durante o processo: trabalhar situações específicas (temidas ou evitadas) do desempenho da sexualidade.
- Auxiliar o participante na resolução da sua disfunção (alternativas a serem buscadas e pessoas que podem ajudar).

Número de pessoas: até 16 participantes.

Tempo de duração: Total de 1 hora e 20 minutos; 5 minutos de explicação

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 99 02/06/2015 11:58:45

gerais; 25 minutos para confecção de cartões; 15 minutos para a formação de pares e discussão; 35 minutos para exposição e discussão geral.

Material necessário: sala, cadeiras, canetas em branco.

Procedimentos:

- Distribuir seis cartões a cada participante.
- Cada um pensará e escreverá sobre si em diversas situações.
- Para cada pergunta utiliza-se um cartão: Como eu sou quando estou tem uma relação sexual?; Como eu sou quando estou tendo fantasias sexuais? Como eu sou quando estou com vontade de ter relações sexuais e minha (meu) parceira (o) não quer?; Como eu e conseguiria expressar minhas fantasias sem me sentir inibido?
- Formar pares e comentar as diferenças entre o estado atual e o ideal e como seria se pudessem reconsiderá-los.
- Abrir espaço para o grupo e promover o fechamento da atividade de forma que cada um fale sobre possíveis percepções e motivações que obtiveram da atividade.

Dica da autora: estimular o (a) participante a conversar com a (o) esposo (marido) sobre alguma fantasia sexual que gostaria de realizar.

Fonte: FIGLIE, NelianaBuzi; MELO, Getúlio de; e PAYÁ, Roberta. **Dinâmicas de grupo**: aplicadas no tratamento da dependência química – manual teórico e prático. São Paulo: Roca, 2004, p. 247-248.

Encerramos aqui este Caderno Didático com a esperança de ter despertado em você o gosto pelo trabalho com grupos e o uso de dinâmicas.

Além disto, esperamos ter transmitido a você pelo menos os conceitos e orientações mínimas para realizar trabalhos com grupos com muita dedicação, criatividade, entusiasmo e ética.

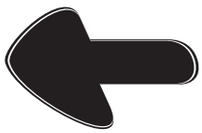
Avance e bom trabalho!

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 100 02/06/2015 11:58:45

Resumo

Nesta última aula, você este curso compreendendo que:

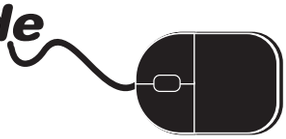
- Sexualidade é um tema que engloba várias faixas etárias;
- Existem algumas técnicas e recursos para abordar o tema sexualidade.



Dica

Assista ao filme "Licença para casar" ele trata de uma relação amorosa entre um jovem casal que se prepara para casar e enfrenta sérios conflitos diante desta mudança de ciclo de vida familiar. O que terá que deixar para trás e quais mudanças de comportamentos deverá assumir? Valerão a pena?

Atividade



Libertinagem e liberdade não são sinônimas. Apresente uma descrição de cada um destes conceitos a partir da temática sexualidade. (10 Linhas)

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 101 02/06/2015 11:58:45

Referências básicas

ANTUNES, C. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização de Ludoterapia**. Petrópolis,ed.Vozes,1987.

FRITZEN,J.S. **Exercícios práticos de grupo e de relações humanas**. Petrópolis,Vozes,1974. Fritzen J. S. Relações humanas interpessoais. Petrópolis, Vozes,1987.

JALOWIZKI, Marise, **Jogos e Técnicas Vivencias nas Empresas**,Ed. Madras Business, 2001. Miranda , Simão, Novas Dinâmicas para Grupos, A Aprendência do Conviver, Papirus, 2002.

Referência complementar

AFONSO, Maria Lúcia M. (Org.). **Oficinas em Dinâmica de Grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos na empresa**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FAILDE, Izabel. **Manual do facilitador para dinâmicas de grupo**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarquede Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 4ª Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

FISCMANN, Janice B. Como agem os grupos operativos. IN. ZIMERMAN, David E. ; OSORIO, Luiz Carlos e colaboradores. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GAYOTTO, Leonor. **Trabalho em grupo**: ferramenta de mudança. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica: alternativas de mudança**. Edpucs, 2002.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Sociologia Geral.* São Paulo: Atlas, ۱۹۹۹.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 102 02/06/2015 11:58:45

MINICUCCI, Agostinho. **Dinâmica de grupo: teorias e sistemas**. São Paulo: Atlas, 1997.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

MOSCOVICI, Fela, Equipes dão Certo, A multiplicação do Talento Humano,Ed. José Olimpio 2001. Simionato, Regina B. **Dinâmicas de Grupo para Treinamento Motivacional**, Papirus,2004.

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal**: treinamento em grupo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

OLIVEIRA, Pércio Santos de. **Introdução à sociologia**. 24.ed. Editora Ática: São Paulo, 2001.

RAVAZZOLA, M. Cristina. BARILARI, Susana; MAZIERES, Gastón. A família como grupo e o grupo como família. IN. ZIMERMAN, David E. ; OSORIO, Luiz Carlos e colaboradores. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RENNER, Tanya *et al*. Psico. Trad. ABREU, Marcelo. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SEMINOTTI, Nédio. Psicodrama. IN. ZIMERMAN, David E. ; OSORIO, Luiz Carlos e colaboradores. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.

STREY, M. N. **Psicologia Social Contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 1999.

VITALE, Maria AmaliaFaller. Socialização e família: uma análise interageracional. **In. A família Contemporânea em debate**. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul: 2010.

ZIMERMAN, David E. e OSORIO, Luiz Carlos *et al*. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 Jogos para Grupos**, Ed. Ágora 1996. Vergara, Sylvia Constant,Ed.Atlas,2000.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 103 02/06/2015 11:58:45

Referencia suplementar

CABALLO, Vicente. **Manual de Avaliação e Treino de Habilidades Sociais**. São Paulo: Editora Santos, 2003.

PIRES, Cristina do Valle G.; GANDRA, Fernanda Rodrigues; LIMA, Regina Célia. **O dia-a-dia do professor Adolescência afetividade, sexualidade e drogas**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora FAPI, Vol. 1, p.74.

TARADEL, Laura. Nº57 A respiração. IN. *83* **jogos psicológicos para dinâmica de grupos:** um manual para psicólogos, professores, animadores socioculturais. Lisboa, Portugal: Paulus, 2007.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 104 02/06/2015 11:58:45

Currículo do professor-autor



Ângela Fernanda Santiago Pinheiro

Ângela Fernanda Santiago Pinheiro é graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas Pitágoras (2007) e em Letras / Espanhol (2004) pela Unimontes / MG. É mestra em Desenvolvimento Social pela Unimontes. Pós-graduada em Violência contra crianças e adolescentes e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Atuou como psicóloga, no ano de 2008 em Programa de Saúde da Família e APAE, no município de Salinas /MG. Durante cinco anos atuou como psicóloga pela Secretaria de Estado de Defesa Social em unidades prisionais de Montes Claros, tendo destacado seu trabalho na execução e planejamento de projetos sociais, como o "Artesão Cidadão" premiado no IV Prêmio de Qualidade da Atuação da Defesa Social no Estado de Minas Gerais. Atualmente atua como psicóloga clínica, em consultório particular, e leciona as disciplinas Psicologia do Trabalho, na Funorte, e Teorias e Técnicas Grupais, na FASI. Além disto, tem significativa experiência emorientação de estágios na área clínica cognitivo-comportamental e de Grupos no NASPP das FIP-MOC.

Técnicas e dinâmicas de trabalho em grupo.indd 105 02/06/2015 11:58:45



Ministério da
Educação

rede e-Tec Brasil